LIBRARY OF PRINCETON
MAY
THEOLOGICAL SEMINARY

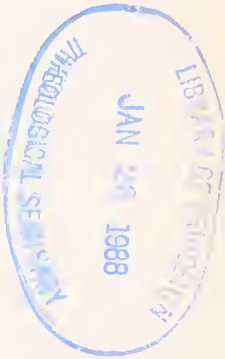
PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian5271inst

44P



Revista GREGORIANA

MAIO 27 JUNHO

1958 ANO V

[Nos. 25-27 unavailable]

INSTITUTO PIO X
DO RIO DE JANEIRO

INFORMAÇÕES
sôbre a
REVISTA TRIMESTRAL do INSTITUTO HISTÓRICO
do RIO DE JANEIRO

[illegible]

[illegible]

DIREÇÃO
[illegible]

[illegible]

[illegible]

1 — [illegible]

2 — [illegible]

3 — [illegible]

4 — [illegible]

5 — [illegible]

6 — [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO.

Sl. 146, 1

A VIDA ETERNA

TEMA do próximo número: *MATERNIDADE DA IGREJA E DE MARIA*

SUMÁRIO

O tempo prenhe de eternidade — Por D. Estêvão Bettencourt O.S.B. 3

Pedagogia dos exercícios verbais — Pelo Pe. Jean Jeanneteau 16

2.º Livro de C. Gregoriano — Por I. M. Rose O.P. 29

Esclarecimentos pedidos 37

Vida do Instituto Pio X 45

Direitos de propriedade reservados para todos os desenhos.

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

O TEM-PO PRE-NHE de ETERNIDADE

Ao se falar de "Novíssimos", têm-se geralmente em vista os acontecimentos e estados que se seguem à vida do homem nesta terra: morte, ressurreição, juízo, etc.

A doutrina concernente a êsses estados finais (tècnicamente chamada "Escatologia") é exposta sob aspectos diversos nos diversos livros da Sagrada Escritura (em particular, do Novo Testamento): nos Evangelhos sinóticos (de São Mateus, São Marcos e São Lucas), por exemplo, lê-se o solene sermão escatológico de Jesus (Mt 24s; Mc 13; Lc 21,5-38); nas epístolas de São Paulo, encontram-se belas descrições da ressurreição e da parusia ou da segunda vinda de Cristo (cf. 1 Cor 15; 1 Tes 4,13-5,11; 2 Tes 2, 1-12).

Quanto a São João, pôs-se êste autor a escrever cêrca de quarenta anos após os demais Evangelistas e São Paulo, ou seja, por volta do ano 100. Se o fêz, pode-se de ante-mão crer que tenha sido movido pelo desejo não de repetir simplesmente a mensagem dos escritores anteriores, mas de a completar; julgava ter algo de original e profundo a dizer. E' o que realmente se verifica: o quarto Evangelho é o Evangelho "do Teólogo" por excelência, em que novos e novos matizes da doutrina e dos feitos de Jesus são desvendados. Esta modalidade do Evangelho de São João se apresenta com muita beleza na doutrina dos Novíssimos: nele não se encontram textos paralelos às profecias de Jesus sôbre o juízo final ou aos ensinamentos paulinos referentes à ressurreição, mas o discípulo bem-amado parece ter-se preocupado principalmente com uma nota característica da Escatologia cristã: **a sua imanência na vida presente**; acentua que a vida eterna não é simplesmente futura, mas já foi dada aos fiéis, é atual; apenas se acha encoberta, à espera de sua plena revelação. Uma tal observação bem merecia a atenção do quarto Evangelista, que, já muito ancião, na hora em que se estava para encerrar a Revelação do Novo Testamento, tomaria da pena para explaná-la. (1)

---

(1) E' verdade que nos Evangelhos sinóticos não falta a idéia de que os bens escatológicos já são imanentes neste mundo ou já nos foram outorgados pela primeira vinda de Cristo e os sacramentos. Jesus dizia freqüentemente que o Reino de Deus já está presente, já veio ao mundo; cf. Mt 12,28; Lc 17, 20s. Principalmente as parábolas do Reino de Deus incutem a sua atualidade e o seu lento, imperceptível desabrochar no decurso da história; cf. Mt 13.

Contudo é inegável que São João deu a esta doutrina um realce e um significado únicos, o que se depreende já do fato de ter substituído a expressão sinótica de **Reino de Deus** pela de **Vida eterna**, a qual certamente é muito mais enfática, como se verá no decorrer da exposição.

Vejamos passo por passo como se desenvolve o pensamento de São João concernente aos Novíssimos, no Evangelho e nas epístolas que nos deixou (abstraimos do Apocalipse, que pertence a gênero literário bem diferente).

1. "VIDA ETERNA"

Não há dúvida, um conceito domina os textos escatológicos do Apóstolo: é o de VIDA (Zoé), entendida no sentido sobrenatural, como VIDA ETERNA (zoé aiónios) (2). Estas expressões nos escritos de São João são equivalentes entre si, de sorte que o autor, sem explicação alguma, substitui uma pela outra:

"**A Vida** se manifestou. Nós a vimos e dela damos testemunho; e vos anunciamos a **Vida eterna**, que estava junto do Pai e que se nos manifestou " (1 Jo 1,2; cf. 3,14s; 5,11-13).

"Quem crê no Filho, tem a **vida eterna**; quem se recusa a crer no Filho, não verá **a vida**" (Jo 3,36; cf. 5,24. 39s).

Note-se no sermão sôbre o pão da vida o emprêgo como que alternado das expressões **Vida** (6,33.35.48.51. 53. 63) e **Vida eterna** (6, 27. 40. 47. 54. 68) (3).

O conceito de VIDA (ETERNA) corresponde, no quarto Evangelho, ao de REINO DE DEUS ou DOS CÉUS, característico dos sinóticos. Êste ocorre 54 vêzes em Mt; 44, em Lc; 17, em Mc (que em geral abrevia os discursos de Jesus). Em São João, ao contrário, sòmente no início do colóquio do Senhor com Nicodemos se lê "Reino de Deus" (3,3) e "Reino dos céus" (3,5); logo após, no v. 16, o Evangelista emprega a expressão sinônima VIDA ETERNA.

2. OS PRECEDENTES DO CONCEITO

A noção religiosa de VIDA, tão importante na escatologia joanéia, não era nova na literatura judaico-cristã.

---

(2) "La notion de vie est partout présente dans le quatrième évangile... L'idée de vie est au fondement de toute la théologie johannique" (J. Dupont, Essais sur la Christologie de Saint Jean. Bruges 1951, 109).

(3) Para designar a vida natural, São João recorre ao têrmo psyché. Muito significativo é o texto de Jo 12,25: "Quem ama a sua vida "pyché), a perde; e quem odeia sua vida (psyché) neste mundo, a guardará para uma vida eterna (eis Zoén dionion)".

Nisto São João se conforma a São Mateus e São Marcos. São Lucas, ao contrário, usa o vocábulo zoé para designar a vida natural; cf. Lc 12,15; 16,25.

Segundo a mentalidade dos antigos israelitas, a **vida** significava a recompensa que Deus daria **neste mundo mesmo** aos fiéis observantes da Lei mosaica: haveria longevidade, ricas posses, numerosa prole, boa fama, etc. Após esta vida, julgavam que a alma caía em estado de quase-inconsciência, tornando-se incapaz de receber a devida sanção; cf. Eclo 9,5; Prov 8,35s; 9, 6, 11; Dt 8,1; 11,8s; 16, 20; 30, 19s.

A partir do séc. II a.C., porém, o povo de Israel já afirmava **a vida póstuma**, feliz ou desgraçada segundo os méritos de cada indivíduo; essa vida nova começaria ou logo após a morte ou após a ressurreição no fim dos tempos. A noção de vida, portanto, se dilata e enriquece tanto nos livros canônicos como nos apócrifos: há uma vida futura, para os justos, isenta de sofrimentos e morte, embora ainda muito pautada sôbre as categorias e as imagens da vida presente (nos apócrifos ocorrem descrições de banquetes em parques amenos, com afluência de delícias, etc.); cf. Dan 12,1-3; 2 Mac 7,9, 14, 23, 36; Hen 103, 3-5, 7s; 58,3; Apc Esdr 8,52-54.

Nos escritos do Novo Testamento até São João, ressoa a idéia judaica de que a vida eterna começa **após a morte**; é futura, e opõe-se à vida presente mortal. O cristão nela entra após esta vida, como dão a entender as palavras de Cristo em Mc 9,43-48 (par. Mt 18,8s); Mc 10,29s; Mt 7, 13s; 25,46. E' pela observância cotidiana dos mandamentos que o discípulo a **obtém** ou a **herda** (terminologia judaica); cf. Mt 19,16s; Mc 10,17; Lc 10,25-28.

Mesmo em São Paulo, que já não escrevia para judeus da Palestina nem reproduzia a catequese petrina fixada pelos sinóticos, a noção de **vida eterna** fica sendo em geral equivalente à de **vida futura, vida póstuma**, a ser dada como prêmio do bom combate da vida presente; cf. Rom 6,20-23; 1 Tim 1,15s; 4,8; 6,11s; 2 Tim 1,1; Tit 1,1s; 3,7 (4). Apenas o texto de Rom 8, 2, 5s, 9-11 parece insinuar uma certa imanência da vida eterna na vida presente: o Espírito Santo foi dado aos fiéis como penhor da ressurreição futura (5).

---

(4) Muito claro é o texto de Rom 6,22:
"Agora libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes por fruto a santidade, e **por têrmo de chegada a vida eterna**".

(5) Não seria lícito, porém, identificar o conceito paulino de pneuma, espírito, com a noção joanéia de zoé, vida. Pneuma designa no epistolário paulino a terceira Pessoa da SSma. Trindade (cf. Gál 4,6; Rom 8,15) ou também a natureza divina: Deus é Espírito, conforme o Apóstolo, e o que entra em contato com Deus é divinizado ou espiritual (pneumatikón); cf. 1 Cor 6,17; 12,13; 15,45. O Espírito (pneuma) paulino seria pròpriamente o princípio de zoé ou dos bens que os filhos de Deus recebem como herança.

Eis, porém, que nos escritos de São João se verifica notável deslocação da perspectiva: a **vida eterna** já não aparece como algo de futuro, que o cristão aguarda como herança, mas **torna-se presente neste mundo mesmo**; inicia-se em meio à mortalidade de sorte que entre a vida atual e a vida póstuma não há hiato nem separação radical; já somos, em têrmos velados, o que seremos mais tarde sem véus nem sombras. Destarte tôda a Escatologia sinótica e paulina é de certo modo antecipada; ela irrompe na história atual, já se realiza no presente ou seja, desde que Cristo veio à terra (6).

"Os têrmos utilizados para falar dessa (primeira) missão de Cristo evocam o papel que tocará ao Filho do Homem no fim dos tempos: ressuscitar os mortos, exercer o julgamento, condenar e rejeitar os ímpios para a perdição eterna, dar aos eleitos a salvação e a vida eterna. Dêsse mandato, que é escatológico, Jesus exerce ao menos uma parte desde o momento presente" (J. Dupont, Essais sur la Christologie de Saint Jean. Bruges 1951, 200).

Em outros têrmos: Jesus em sua primeira vinda já se mostra revestido dos poderes de Soberano que lhe atribuem os sinóticos e São Paulo em sua segunda vinda; não Lhe é necessário esperar a ressurreição nem a volta gloriosa. Basta que esteja presente em sua carne mortal e anuncie a palavra de Deus. Assim a primeira vinda de Cristo como Revelador do Pai vem a ser o acontecimento escatológico decisivo; ela introduz a "última hora" do mundo (cf. 1 Jo 2,18). (7).

---

(6) "Les éléments essentiels da l'eschatologie des Synoptiques: retour du Christ, resurrection des morts, jugement se retrouvent dans le quatriéme évangile, mais sous une forme assez différente. Tandis que les Synoptiques insistent sur le caractère de révolution soudaine et catastrophique des évènements qui marqueront la fin des temps, saint Jean y montre plutôt le développement, le terme définitif et la consommation de réalités déjà présentes dans la vie actuelle et la vie future, tel est le trait caractéristique de l'eschatologie johannique, beaucoup plus accontué que dans la conception synoptique ou même dans l'idée paulinienne de la parousie" (L. Venard, Jean [Saint] em "Dictionnaire de Théologie Catholique" VIII. Paris 1947, 578s).

(7) "Nous voici au coeur de la théologie johannique. La vie éternelle commencée ici-bas; la nécessité de croire pour être sauvé; l'acte de foi atteignant du même coup le Christ et le Père qui l'envoie; autant d'idées que l'évangéliste ne se lassera pas de répéter à la suite de son maitre" (F.-M. Braun, em "La Sainte Bible" de Piot-Clamer X. Paris 1950, 355).

3. A EXPLANAÇÃO DA DOUTRINA

Distingamos agora cinco etapas segundo as quais se vai explicitando o pensamento de São João referente à vida eterna.

1) A teologia de São João se deriva tôda da proposição seguinte: Cristo trouxe aos homens a **Palavra** do Pai, que é a **Verdade** e a **Vida** (cf. Jo 1,4s). Estas são inegàvelmente três noções que perpassam o quarto Evangelho, de princípio a fim. Eis como o Senhor mesmo resume a sua missão neste mundo:

"Não falei por Mim mesmo; mas o Pai que Me enviou, foi Êle quem Me prescreveu o que eu tinha **a dizer e pronunciar.** E sei que **o seu mandamento é vida eterna.** O que digo, digo-o com o Pai Mo transmitiu" (12, 49s).

Note-se ainda Jo 6,63: "**As palavras** que eu vos disse são espírito e **são vida**".

Em suma, a idéia de que Jesus, anunciando a Palavra do Pai, oferece aos homens a vida eterna, é freqüentemente repetida no quarto Evangelho; cf. 3, 15s. 36; 5, 24; 6, 40; 20, 31.

2) A oferta assim feita pede uma tomada de posição, uma atitude por parte dos ouvintes. Ela realiza, por conseguinte, um **discernimento**, uma **krísis** um **julgamento** entre os homens: quem a recebe, entra na posse da vida, ao passo que quem a rejeita incorre em condenação, não por efeito direto da Palavra, mas por suas más disposições:

"Vim como luz a êste mundo, para que quem creia em Mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouve as minhas palavras e não as guarda, não serei Eu que o condenarei, pois não vim para condenar o mundo, mas para salvar o mundo. Quem Me rejeita e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue: a palavra que Eu proferi, será ela quem o julgará no último dia" (12,46-48).

Êste texto é extremamente significativo: realça quanto a Palavra de Cristo difere da de qualquer filósofo ou sábio. Ela tem o poder de recobrir todos os tempos: uma vez lançada no mundo, não pode daí desaparecer; acompanha tôdas as gerações e no fim dos tempos se apresentará ainda como critério ou medida para se avaliar a obra de cada geração ou de cada indivíduo humano.

Ainda chama a atenção o seguinte texto:

"Deus não mandou seu Filho ao mundo para julgar (=condenar) o mundo, mas a fim de que o mundo seja salvo por Êle... Ora eis o juízo (=a condenação): a luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à luz, porque suas obras eram más" (3,17-19).

3) Se a palavra de Jesus é aceita com fé e amor, ela realiza **uma ressurreição**, a primeira e mais importante ressurreição, transferindo da morte do pecado (que é perdição eterna) para a vida eterna. Quem crê e ama, tem, segundo a bela expressão de São João, a vida eterna a permanecer nele (cf. 1 Jo 3,15) (8).

E' muito importante a distinção que Jesus apresenta entre dois tipos de ressurreição: uma, espiritual, realizada no decorrer dos tempos pela palavra apreendida na fé; a outra, corporal, reservada ao último dia e decorrente da anterior como corolário ou também consumação:

"Como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, assim o Filho dá a vida a quem Êle quer... Em verdade, em verdade Eu vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que Me enviou, possui a vida eterna e não está sujeito a julgamento, mas **passou da morte para a vida.** Em verdade, em verdade Eu vos digo: vem a hora — **e já chegou** — em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a tiverem ouvido, viverão" (5,21.24s).

Uma das expressões mais notáveis dêste texto é o apôsto "e já chegou", apôsto que refere o leitor ao momento em que Jesus prega ou em que se faz ouvir a palavra de Cristo no mundo. A aquiescência à pregação equivale a uma verdadeira ressurreição. Vida de fé vem a ser vida de ressuscitado, e ressuscitado para a vida eterna.

Junto a esta ressurreição espiritual, o Senhor menciona outra, introduzida pela mesma fórmula literária (cf. vv. 21 e 26; note-se que S. João costuma desenvolver o seu pensamento, retomando frases anteriores para dotá-las de novo significado):

"Como o Pai tem a vida em Si, assim Êle deu ao Filho ter a vida em Si mesmo... Não vos admireis disso, pois **a hora virá** em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do Filho do homem e dêles sairão; os que tiverem praticado o bem, ressuscitarão para a vida; os que tiverem cometido o mal, ressuscitarão para a condenação" (5, 26. 28s). (9).

---

(8) "Entre la vie actuelle et la vie dans l'au-delà, point de séparation radicale. Nous sommes en un certain sens ce que nous serons plus tard. L'éternité commence dès ici-bas" (Braun 337).

(9) Além da hora em que os mortos ressuscitam, Jesus menciona repetidamente no quarto Evangelho "a sua hora".

A "hora de Jesus" diz respeito pròpriamente à missão de Cristo; significa o momento da glorificação final do Senhor ou de sua ascensão à direita do Pai. O Evangelista, no decorrer do Evangelho, nota sucessivamente a aproximação dessa hora (cf. 7,30; 8,20; 12,23, 27; 13,1; 17,1). Está claro que, de ante-mão fixada pelo Pai, não poderia ser

Jesus, com êstes dizeres, quer corroborar sua afirmação anterior, concernente à ressurreição espiritual; anuncia, pois, algo de mais surpreendente ainda: a ressurreição corporal. Esta sobrevirá àquela no fim dos tempos, e manifestará a atitude de cada indivíduo perante a Palavra que é a Vida. Portanto, para quem crê, a ressurreição decisiva e o julgamento já são fatos consumados: o último dia, com seus acontecimentos públicos e solenes, apenas fará sancionar o que tiver sido adquirido durante esta vida.

E' preciso agora pôr em realce que a fé merecedora da ressurreição, conforme o Evangelista, não significa mera aquiescência intelectual. Ao contrário, a Palavra de Cristo move o homem todo, solicitando dêle **amor, prática dos sacramentos e** ascese. Com efeito, sem fazer violência aos textos, verifica-se que o autor sagrado associa a passagem da morte para a vida igualmente a êstes três outros elementos, os quais são conseqüências da fé e com esta constituem a única e grande resposta do homem à Palavra de Deus. E' o que se depreende dos seguintes textos:

Na sua primeira epístola, São João indica explìcitamente a caridade como fator de ressurreição; o que quer dizer que o acolhimento salvífico da Palavra de Cristo exige sempre conduta de vida nova, congruente:

"Sabemos que **passamos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos.** Quem não ama, permanece na morte. Todo aquêle que odeia seu irmão, é um homicida; ora sabeis que nenhum homicida possui a vida eterna a permanecer nele" (3,14s).

A vida eterna, portanto, já neste mundo é uma realidade que se implanta e desabrocha pela fé e a caridade.

E' preciso, porém, acrescentar: a Palavra de Cristo, aceita pela fé e a caridade, leva necessàriamente o discípulo aos **sacramentos;** tal é o valor que Jesus atribui a êstes que se tornam indispensáveis para a ressurreição espiritual e corporal dos fiéis. — E' o que se depreende claramente dos capítulos 3 e 6 do Evangelho de João.

No c. 3 Jesus impõe como condição para "ver o reino de Deus" (v. 3), para "entrar no reino de Deus" (v. 5) ou "possuir a vida eterna" (v. 15) o "renascer do alto" (v. 3) ou "renascer

---

antecipada. Não obstante, nas bodas de Caná, Jesus realizou um milagre que equivalia à antecipação de sua hora (o Evangelista o chama simplesmente "manifestação da glória de Jesus"; cf. 2,11); a conversão da água em vinho foi a primeira apresentação de Jesus ao mundo como novo Criador do mundo, foi destarte um prenúncio muito significativo da glorificação definitiva de Cristo.

da água e do Espírito" (v. 5), o que significa o sacramento do **Batismo** (cf. Denziger. Enchiridion 858).

No c. 6 a condição proposta em vista do mesmo fim é "comer a carne e beber o sangue do Filho de Deus".

"Se não comerdes a carne do Filho do Homem e beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Aquêle que come a minha carne e bebe o meu sangue, **possui a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia**" (vv. 53s).

Dêste texto se deduz que a vida eterna outorgada neste mundo pelo consumo da S. Eucaristia vem a ser o penhor da ressurreição futura. Muito enfàticamente Jesus nos diz que não é a ressurreição corporal no último dia que introduzirá na vida eterna, mas, antes, a vida eterna possuída pela fé, a caridade e os sacramentos é que nos valerá a ressurreição gloriosa no último dia. Jesus não promete a isenção da morte física, corporal, mas dá a ver que esta é secundária; introduzida no mundo pelo pecado, ela perde o seu caráter desastroso, aterrador, desde que o pecado e a morte espiritual tenham sido superados na alma do cristão. A morte corporal já não preocupa quem ressuscitou espiritualmente; ela não é negada, mas é conscientemente removida do horizonte de Jesus e dos seus discípulos:

"Eu sou a ressurreição e a vida; aquêle que crê em Mim, ainda que morra, viverá; e todo aquêle que vive e crê em Mim, **jamais morrerá**" (Jo 11,25s).

"Dou às minhas ovelhas a vida eterna; **não perecerão jamais**, e ninguém as arrebatará da minha mão" (Jo 10,28).

Note-se como nestes textos Jesus, sem negar a morte corporal, passa por cima dela, dando a entender que de modo nenhum significa hiato ou ruptura para o cristão. E' a certeza de que a ressurreição futura é mera conseqüência de uma realidade já possuída no presente, que explica a sobriedade com que S. João se refere à segunda vinda de Cristo e ao grandioso cenário do juízo final (cenário que nos sinóticos envolve, segundo as expressões dos profetas do Antigo Testamento, vários fenômenos cósmicos); São João não se preocupa muito com êste quadro externo e sua hora providencial, pois tem a atenção voltada principalmente para a realidade interna atualmente derramada nas almas, realidade que contém em gérmen o que no último dia atingirá sua plenitude. (10).

---

(10) "Cette présence invisible du Christ au milieu des siens est tellement un gage de la réunion avec lui dans la vie future, elle donne tellement déjà un avant-gôut du bonheur céleste d'attente aussi vif, et qu'on se préoccupe moins du moment ou il se produira" (L. Vénard, art. cit 579).

Por último, o quarto Evangelista faz notar qúe a vida eterna, recebida pela fé, pelo amor e pelos sacramentos, tem que ser sustentada ainda pela renúncia constante do cristão ao próprio **eu** e aos seus afetos desregrados. E' êste um ensinamento fortemente sublinhado pelos sinóticos (Mt 10,39; 16, 25; Mc 8,35; Lc 9,24; 17,33) e assim expresso em São João:

"Quem ama a sua vida (psyché), a perde; e quem odeia a sua vida (psyché) neste mundo, a guardará para uma vida (zoé) eterna" (12,25).

Como se vê, para o cristão trata-se de trocar a **psyché**, vida corporal com seus prazeres naturais, pela **zoé**, a única vida verdadeira, não mesclada de morte, a vida sobrenatural. Quem não está disposto a esta troca, simplesmente não consegue a **zoé**, a salvação eterna; esta, e esta só, há de ser alcançada e nutrida, custe o que custar.

4) Eis, porém, que agora se impõe importante advertência.

O Cristo de São João, por mais que acentue a antecipação da eternidade no tempo, não desconhece **a dura realidade** da vida cotidiana que afeta mesmo os mais santos dentre os cristãos. Atualmente possuída na fé, a vida eterna não exclui a tristeza natural nos discípulos, proveniente do fato de ainda estarem sujeitos às vicissitudes do velho homem; Jesus por isto compara a existência dos cristãos neste mundo à da mulher que está para dar à luz uma vida nova encerrada em seu seio e, em conseqüência, sofre as dores do parto; anuncia, porém, que, quando estiver consumado o parto ou terminado o currículo terrestre, inenarrável e definitiva será a alegria do cristão:

"Em verdade, em verdade, Eu vos digo: haveis de chorar e lamentar-vos, enquanto o mundo se alegrará; estareis na tristeza mas vossa tristeza se mudará em alegria. A mulher, quando está para dar à luz, se entristece, porque chegou a sua hora; depois, porém, de ter gerado, esquece as dores, e se alegra porque um homem veio ao mundo. Vós também agora estais tristes; mas Eu vos verei de novo e vosso coração se regozijará, e, vossa alegria, ninguém vô-la arrebatará" (Jo 16,20-22).

Na sua primeira epístola, o Apóstolo explica o que se dará no fim dêsse parto: já somos filhos de Deus, possuimos realmente a vida eterna do Pai; nenhum de nós, porém, tem a intuição do que isto significa nem o gôzo pleno do que isso acarreta. Quando deixarmos o corpo, essa realidade latente se desvendará plenamente: veremos a Deus face a face, feitos semelhantes a

Deus, como o filho é semelhante a seu pai; a fé não é senão o princípio desta visão sob forma de embrião:

"Bem-amados, desde já somos filhos de Deus; mas ainda não se manifestou o que seremos. Sabemos que, quando isto se manifestar, nós Lhe seremos semelhantes, porque O veremos tal como Êle é" (1 Jo 3,2).

O Apóstolo, usando de metáforas para designar a condição atual de nossa vida verdadeira, afirma que o **gérmen (spérma)** de Deus está em nós (1 Jo 3,9) ou que temos em nós uma **fonte de água** que jorra para a vida eterna (Jo 4,14). Por estas figuras, o caráter permanente e, ao mesmo tempo, dinâmico, progressivo de nossa filiação divina é claramente indicado. Os teólogos, retomando a terminologia de São João, formularam a proposição: "A graça santificante (possuída neste mundo) é a semente da glória (de que desfrutaremos no outro)" (11).

O fato de trazermos a vida eterna dentro de um corpo mortal, ao qual é preciso renunciar em certo grau ou que é preciso mortificar, comunica à existência do cristão na terra um caráter ambíguo, contraditório, caráter muito bem expresso pelas duas afirmações aparentemente antagônicas de 1 Jo:

"Se dizemos que não temos pecado, mentimos e a verdade não está em nós (1,8).

"Todo aquêle que nasceu de Deus, não comete pecado" (3,9; cf. 3,6).

A aparente contradição é bem explicada pelo Pe. F.-M. Braun nos seguintes têrmos:

"Ao mesmo tempo que ainda pertence a êste mundo (mau), o cristão já entrou na época escatológica: pertence a duas zonas espirituais... Todavia a linha divisória entre essas duas zonas espiri-

Com efeito. O cristão traz ainda a carne herdada do primeiro Adão e sua concupiscência; em conseqüência, o pecado

---

(11) "Gratia nihil aliud est quam quaedam inchoatio gloriae in nobis. — A graça não é senão um certo início da glória em nós" (São Tomaz, Suma Teológica II/II 24, 3 ad 2; cf. I/II 69, 2; De Veritate 14,2).

Veja-se também Bossuet, Méditations sur l'Évangile, 2e. P., 37e. jour.

tuais, o mundo presente e o mundo vindouro, não realiza discriminação ùnicamente entre os homens; ela passa também através de cada um dêles" (12).

(12) F.M. Braun, L'étude du quatrième Évangile, em "Ephemerides Theologicae Lovanienses" 32 (1956) 541.

ou a raiz do pecado nele habita. Negar esta proposição seria enganar-se ou mentir (cf. 1 Jo 1,8). Doutro lado, porém, o cristão já renasceu para a vida eterna e traz o gérmen de Deus em si; na medida em que êle age como tal como filho de Deus, é claro que não peca.

E' por estar imersa ainda no "Sim" e no "Não", no paradoxo, na linha de transição, que a vida cristã não pode simplesmente abstrair do que é futuro; não pode deixar de ser **expectativa**, ao mesmo tempo que é **posse**.

5) São João faria observar por fim que o têrmo derradeiro da obra do Filho, ou da comunicação de vida eterna aos homens, é a **glorificação do Pai**. Em síntese, pode-se dizer, segundo a mente do Evangelista, que o Pai santificou a natureza humana de Cristo, dando-lhe a plenitude da santidade e da vida (cf. Jo 10,36), a fim de que essa natureza humana por sua vez santifique os homens e os dirija todos consigo ao louvor e à glorificação do Pai. E' êste o tema dominante da chamada "oração sacerdotal" de Cristo reproduzida em Jo 17, oração da qual se salientam aqui as seguintes passagens:

o Pai santificou e enviou ao mundo seu Cristo (17,18; cf. 10, 36), dando-Lhe o poder sôbre tôda a carne, sôbre todos os homens (17,2, 9s);

esta missão do Cristo tem por fim comunicar abundantemente (cf. 10,10) aos homens o conhecimento, o amor, a glória, em suma, os bens sobrenaturais que o Pai derramou em plenitude sôbre a Cabeça, o Cristo (cf. vv. 6,26: conhecimento; v. 26: amor; v. 22: glória; v. 17-19: santificação);

esta efusão sucessiva da vida eterna redunda em glorificação dos homens, do Cristo e do Pai. — O Pai é, em última análise, o têrmo do qual tudo procede e para o qual tudo converge (cf. 17 1-5). Tôda a vida e a atividade do Cristo só visavam a glória do Pai; cf. 7,18; 8,50; 9,3; 12, 27s. Esta glória do Pai, porém, só devia ser obtida mediante a glorificação do Filho ou o triunfo dêste sôbre o sofrimento e a morte (cf. 11,4; 14,13; 17,1s), triunfo que, por sua vez, redundaria em santificação dos homens.

Esquemàticamente, a doutrina escatológica transmitida pelo Evangelho e as epístolas de São João se poderia resumir nos marcos propostos nas págs. 32 e 33, centrais da Revista.

Em conclusão, verifica-se que a Escatologia no quarto Evangelho se acha deslocada, antecipada dos **últimos tempos cronológicos** para a hora **presente**, que, **teològicamente**, é sem dúvida a **última** (cf. 1 Jo 2,18). São João dá o máximo de ênfase e pujança à tese de que a vinda do Messias introduziu o fim dos tempos. Por isto julga que os acontecimentos essenciais e decisivos da Escatologia se deram quando Cristo veio ao mundo em sua carne mortal; cada vez que um homem, em qualquer época da história, é colocado diante da mensagem do Cristo peregrino, dá-se um juízo, uma ressurreição ou uma perdição, que os últimos tempos da história hão de sancionar.

Uma frase do Senhor consignada pelo quarto Evangelista parece compendiar com muita beleza tôda esta doutrina:

EM VERDADE, EM VERDADE EU VOS DIGO: SE ALGUÉM GUARDAR A MINHA PALAVRA, JAMAIS VERÁ A MORTE" (8,51).

UMA AGUA VIVA
MURMURA EM MIM
VEM PARA O PAI
(STO INACIO M.)

PEDAGOGIA

dos exercícios verbais

★ ★ ★

Seria bom,

para obter êste estilo verbal e êste desembaraço rítmico, portanto, fazer exercícios. Além dos que já foram mencionados anteriormente (Cf. R. G. n.º 25 e 26 de 1958, pág. 47) que visam a teoria, de preferência, em exercícios escritos, será necessário fazer exercícios práticos, decompondo o esfôrço, o movimento vocal; assim se poderá apreender e compreender a legitimidade e a extensão dêste estilo verbal.

O 2.º volume do **Nombre Musical** que contém o estudo da palavra latina não é, como o 1.º volume, enriquecido por exercícios no fim de cada capítulo; todavia será bom consultar o Cap. VI, pág. 274, n.º 373 dêste mesmo 2.º volume.

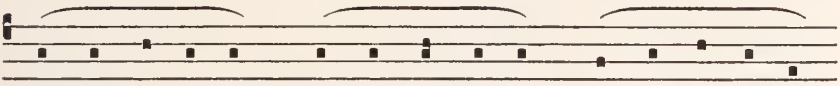
Depois de fazer os exercícios clássicos nos quais se visará obter um quase sincronismo na sucessão silábica, e o sentido do acento tônico em sua intensidade ársica, será necessário fazer exercícios verdadeiramente "verbais", isto é, dizer palavras ou cantá-las em sua **unidade**, tendo o cuidado de bem levantar o acento tônico, e também de **depor a sílaba final**, bem delicadamente, atendendo à sua qualidade essencial de **thesis**. Eis uma possível ordem a seguir nestes exercícios :

1.º — Fazer **recto tono**, em crescendos e decrescendos verbais, seguidos dos gestos rítmicos, **primeiro em palavras longas**, como **justificationes, mirabilia,** porque nelas o crescendo é mais fácil; depois, em **palavras mais curtas** como **gementes, filia**, tomando sempre o má-

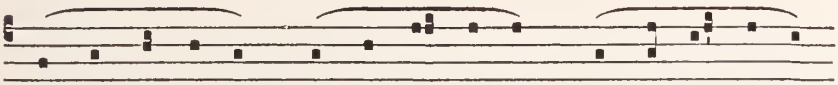
ximo cuidado de "decrescer" e de repousar os fins dos dáctilos tônicos (ou proparoxítonos);

2.º — Tomar em seguida formas **rítmicas verbais** aparentemente formadas por diversas palavras mas tendo uma unidade de sentido e constituindo ritmos perfeitos, como **natus est, pleni sunt,** e mesmo **Deus meus.** (Précis de rithmique de M. Le Guennant, ch. XXVIII. n.º 557-560);

3.º — **Cantar** em seguida, na mesma palavra, melodias **cada vez mais ornadas,** começando por leves elevações melódicas no acento tônico, mas lembrando-se sempre de **depor a final** (e não sòmente de preparar ou de levantar o acento tônico); não se trata, com efeito, de exercícios do **acento tônico** mas de exercícios da **acentuação** com o fim de obter a unidade da palavra graças à deposição bem feita da **final tética.**



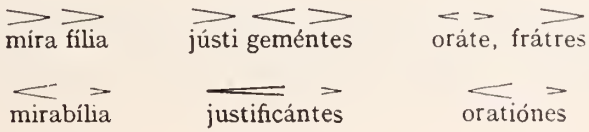
ad-ju-tó-ri-um ad-ju-tó-ri-um ad-ju-tó-ri-um



ad-ju-tó-ri-um ad-ju-tó-ri-um ad-ju-tó-ri-um

4.º — Experimentar fazer êste exercício de unidade verbal com **inversões** melódicas, depondo bem discretamente a final. Para êstes exercícios pode-se, por exemplo, usar palavras tiradas dos Intróitos **Circumdedérunt, Suscépimus,** ou do hino **Veni Creator;**

5.º — Tornar a procurar, em seguida, a unidade da palavra, por meio de **exercícios de comparação,** entre duas **rítmicas verbais diferentes em fonéticas semelhantes,** por exemplo "mira filia" comparada à "mirabilia" ou ainda "justi geméntes" comparado à "justificantes", ou outras comparações que o professor, e mesmo o aluno, poderão inventar. Trata-se da procura da ligação unificante da sílaba de uma palavra para chegar-se à verdadeira dicção rítmica da final:



E' bom fazer êste exercício primeiro em **recto tono**, depois em inversões melódicas que ponham êste ritmo em valor;

6.º — Depois dêste exercício de comparação, cantar, **neste estilo verbal**, sucessões de notas nas quais a forma melódica poderia dar ao canto um ar íctico demasiado, provocando assim uma espécie de trotear desgracioso, como por exemplo pode acontecer numa sucessão de clivis: no **Glória IX** encontram-se excelentes exercícios... **propter magnam gloriam tuam... Cum Sancto Spiritu.**

7.º — Em seguida sòmente, se abordará o **encadeamento das palavras e a recitação contínua**, preparada pelos exercícios de comparação anteriormente indicados: **mira filia** e **justi geméntes.** Evitar-se-á assim a fragmentação verbal à qual os exercícios precedentes poderiam levar-nos a fazer. A recitação das orações em **recto tono** logo gozará de benéfica influência, por ex. **Ave Maria, Salve Regina** e também o **Prefácio**, e o **Pater.**

Em cada um dêstes exercícios convém notar, por ex. na audição de bons discos, como apesar dêste encadeamento das palavras, ainda existe uma "distinção verbal", mas sem fragmentação, isto é, cada palavra sendo pronunciada bem em sua entidade: por ex., no disco de Solesmes **Noel**, no salmo do Introito **Puer, Cantate Domino canticum novum**; algumas vêzes também o sentido da frase o exige mais nìtidamente p. ex. entre **saeculorum et Amen**: é, no fim da palavra, no pousar da final, "um pequeno retardo quase imperceptível antes de tornar a partir", diz D. Gajard numa página importante sôbre as "distinções" verbais (Méthode de Solesmes, p. 71).

RÍTMO ORATÓRIO, RÍTMO VERBAL, ESTILO ORATÓRIO

E' bom notar que êste estilo verbal, preciso, ritmado pelos íctus dos tempos compostos, não é restauração gregoriana por D. Pothier. Também não é o "rítmo verbal", de D. David, ensaio de precisão e de simplificação do "Rítmo oratório" de seu Mestre D. Pothier. (D. David, **Le rythme verbal et musical dans le chant romain**, Université d'Ottawa, 1933).

Êste estilo verbal solesmiano é mais preciso que o rítmo oratório, pois enriquece-se com tôdas as precisões da rítmica de D. Mocquereau, que as utiliza **coordenando-as num ritmo verdadeiramente livre.**

Aí, o acento tônico não tem um papel exclusivo, no sentido da intensidade, mas um papel verdadeiramente rítmico do qual a final é complementar. O texto não supera a melodia, mas funde-se com ela numa coordenação verbal-modal.

Como no "rítmo oratório", não são as divisões importantes do texto que são ùnicamente levadas em conta no estilo verbal solesmiano. Neste, existem pequenas divisões de frases: as palavras; mas esta divisão não fragmenta, concorre, pelo contrário, para o ritmo composto do qual sempre depende.

Tôda a parte de verdade contida na teoria do ritmo oratório se acha conservada na teoria de D. Mocquereau e no canto de Solesmes tal qual se ouve na Abadia e nos discos. (Cf. D. Gajard: La méthode de Solesmes p. 17).

D. David experimentou dar precisão ao "ritmo oratório" de D. Pothier, mas êste ensaio de precisão acentuou ainda mais a confusão entre ritmo e intensidade, com o ictus intensivo colocado, em princípio, no acento tônico (Cf. discos Studio SM collection **Monastères**, n.º 74).

A esta teoria falta uma riqueza: a noção de **verdadeira liberdade do ritmo**, que procede da independência do acento tônico e do ictus, do valor ársico do acento tônico anterior à sua intensidade; faltando isto, a liberdade se reduz apenas a uma forma — a forma do **ritmo verbal com acento tônico íctico e intenso.** Não é inexato pensar que esta teoria não era a de D. Pothier, a qual era mais musical, menos simplesmente verbal, mais vaga sem dúvida, porém menos apertada numa fôrma verbal de modêlo único.

Assim êste **estilo verbal** solesmiano não sacrifica coisa alguma de verdadeiro na teoria de D. Pothier; leva em conta tôdas as precisões conhecidas, e principalmente estudos modais: ultrapassa tôdas as teorias de fulgores diversos, delas sendo harmoniosa síntese e a compreensão desta síntese encaminha ràpidamente para o verdadeiro estilo gregoriano.

UM DOS SEGREDOS DE SOLESMES

Quando se ouve o Côro de Solesmes e o comparamos a qualquer outro Côro (não queríamos magoar ninguém, nem de leve), verifica-se no canto dos monges do célebre Mosteiro o equilíbrio artístico, a flexibilidade da linha intensiva ao mesmo tempo que o sentimento da oração; e essas qualidades não aparecem como o efeito de um requinte mas como o fruto de profunda sinceridade; **não é a vida sentimental em suas impressões, mas a vida interior em sua expressão.** (1)

Ora não é a qualidade vocal que o primeiro empolga, não é a magia do timbre, mas uma arte que transcende a voz, ultrapassando o

---

1) O grifo é nosso. — A tradutora.

atrativo humano: a arte da humanidade diante de Deus. Na verdade, existe a beleza da melodia, cuja modalidade é tão nobre e tão profundamente humana; existe a riqueza de expressão neumática, a igualdade rítmica, a regularidade flexivel, rica de todos os pormenores que com tanta precisão (uma precisão às vêzes muito mal compreendida) que a "teoria de Solesmes" nos ensina; mas acima de tudo isto há outra coisa — e não é sôbre oração que queremos falar: acima de tôda a teoria, há o **estilo de Solesmes.** Solesmes, não é a "teoria de Solesmes" mas o "estilo do Côro de Solesmes": o Côro nos faz compreender a teoria, é **preciso ouvir Solesmes.** Esta teoria, certamente devemos estudá-la, ler os livros que a difundem, mas os livros não podem dizer tudo: é preciso ouvir; e não é mesmo que se ouve êste **estilo verbal** que sobressai acima de tudo? Existe uma espécie de dicção ritmada que envolve todos os pormenores da rítmica teórica e que é a **forma** do legato, o suporte das nuances rítmicas impalpáveis. Precisa-se **ouvir** Solesmes levantar calorosamente o acento tônico, mais ou menos levemente, plainando mais ou menos longamente; mas é preciso também ouvir Solesmes depor em seguida **tèticamente, delicadamente, rìtmicamente** a final apaziguada da **palavra depois do esfôrço do acento tônico**; não se trata de uma simples nuance local mas de uma necessidade rítmica, de um **estilo fundamental**, de uma "forma" de Solesmes. O canto de Solesmes é "livre", na independência do acento tônico para com o ictus, e de uma liberdade que noã se deve confundir com a simples liberdade da sucessão binária-ternária, que poderia tornar-se, caso não se tome cuidado, uma espécie de métrica íctica, onde se encontraria um compasso intensivamente afinado, de 2 tempos ou de 3 tempos.

ANÁLISE DOS DISCOS POR AUDIÇÃO

Os discos de Solesmes nos permitem ouvir êste **estilo verbal**; para proporcionar uma percepção rápida dêste estilo verbal, damos aqui breve catálogo de exemplos; tomamo-los num só disco, o de **Natal** (Decca FAT-173690) e entre os casos mais nìtidamente reveladores da interpretação solesmiana. Para bem apreender pela audição a qualidade tética das finais, será bom, cada vez, escutar primeiro o levantamento ársico dos acentos tônicos, depois o pousar das finais, e enfim tornar a escutar a palavra para ouvi-la cantada em sua unidade.

Para maior simplicidade e proveito poder-se-ia examinar as palavras e as espécies de finais na seguinte ordem:

a) **Ictus cadenciais**: no efeito tético dos ictus cadenciais trata-se sem dúvida da palavra, mas também do acabamento da fra-

se; êste efeito é tanto musical quanto verbal, si bem que a palavra tenha aí o seu papel. Exs.

Intr. **Puer**... natus est nobis... impérium... **Amen.**

b) Finais ícticas no correr do inciso. Exs.:

Intr. **Puer**... vocábitur nomen.
Grad. **Vidérunt** **jubiláte.**

A deposição delicada da sílaba final é nítida, sendo que a palavra faz realmente um todo e a final produz bem o efeito de acabamento verbal e de thésis em relação ao acento tônico, antes que a música ligue a palavra que se acaba com a seguinte — esta ligação se faz mais ou menos imediatamente. Ouve-se bem esta deposição, não só nas palavras que não têm grande desenvolvimento melódico como **vocábitur** ou **nomen** como também quando o arco melódico da palavra seja nítido como em **natus est** ou em **impérium.**

c) **Finais ícticas, mas em inversão melódica** mais ou menos nítida. Exs.:

Grad. Vidérunt... **Notum**; Alleluia,
Dominus dixit... Filius; Offert. **Tui sunt**... caeli... sedis.

O Côro não afirma brutalmente as finais embora seja ascendente o movimento melódico: à melodia ascendente não supera.

d) **Finais no levantar do ritmo.** Exs.:

Intr. **Puer**... magni; Grad. **Vidérunt**... terrae... terra; Alleluia, **Dies santificatus**... venite adorate; Offert. **Tui sunt**... orbem; Alleluia, Dominus Dixit. O efeito tético é menor por causa do movimento que continua; todavia, o efeito de unidade verbal é nítido: **esta final não é emitida com a nuance ársica que uma nota no levantar pediria, mas,** primeiro, **com o efeito de acabamento do ritmo verbal:** a palavra ainda é cantada em sua unidade.

e) para bem compreender êste respeito musical para com a final, será útil notar a corrente de acentuação que se manifesta claramente sob duas formas:

1) a marcha tendente para o acento tônico nas palavras longas, o progresso intensivo; cantar bem **"uma"** palavra, não significa apenas conhecer a decomposição íctica da palavra; a palavra parte, intumesce, prepara seu acento tônico, **já vive dêle,** levanta-se sem o percutir, e depois apaziguar-se, e então a final, docemente, na calma rítmica termina a palavra. Exs.: Intr. Puer... **mirabília, praeparátio;** Alleluia Dies sanctificatus... **adoráte;** Offert. Tui sunt caeli... plenitúdinem...

2) a decrescência lenta dos dáctilos em direção de sua final, **a partir** do acento tônico; sem pressa alguma. Exs.: Intr. Puer **vocabitur**... **consílii**

f) existe outra situação do acento tônico, aparentemente inversa, onde o acento poderia parecer sacrificado: algumas vêzes a melodia, tética, em descida nítida aborda um **acento tônico baixo**; nos discos de Solesmes, êste acento ainda é cantado como acento, com seu sôpro ársico, mais ou menos nítido, que prepara a final. Exs.: Offert. Tui sunt... fundásti. Intr. Cibavit, último Alleluia.

g) enfim, poder-se-ia encontrar, ouvindo atentamente êstes discos, algumas exceções no tocante à final. Poderia ser isto imperfeições ou... nuances. Essas exceções, algumas vêzes, provêm de defeitos do Côro, que neste lugar litigioso não está unificado. Exs.:

Allelúia **Dominus dixit**: existe uma diferença entre o pousar da final **ia** pelos dois coros; um, mais delicado, pousa melhor a final — o outro tem mais vigor e se deixa levar pelo movimento melódico.

Algumas vêzes uma nuance neumática vem modificar o curso habitual da dicção normal; é, p. ex., uma destas clivis longas, um pouco pesadas, que começam apódoses e indicam um patamar, um repouso depois do entusiasmo, ou uma indicação neumática não visível na Vaticana. Exs.:

Intr. Puer... húmerum; **Offert.** Laeténtur... fáciem.

Também, para julgar o que algumas vêzes nos parecer anormal, será necessário saber se neste lugar estudado não há êrro de acentuação nos livros atuais; em nossos livros litúrgicos, a partir do séc. XVI foram aplicadas regras por demais estritas, fundadas na acentuação do latim na época clássica, quando deveria ter sido marcada a acentuação na época da composição do velho repertório gregoriano.

Algumas vêzes também seria necessário verificar se a composição estudada pertence à boa época gregoriana. Assim é interessante notar como, no disco de Páscoa que contém a **Sequência Victimae Paschali** que data dos meados do sec. XI, o acento romano exerce bastante a sua influência, e como Solesmes ali é mais "íctico" e mais percuciente que de costume.

Depois dêste estudo analítico dos discos de Solesmes, a conclusão que se impõe é a seguinte: **Solesmes canta a palavra**; nós os ouvimos quase sempre depor a final delicada, rítmica, de modo elegante e perceptível, de acôrdo com o conselho dado por D. Gajard, depois de D. Pothier, D. Mocquereau e do Chanoine Gontier, amigo e colaborador de D. Guéranger.

Notamos também que, a palavra é bem cantada em sua unidade, mas não é cantada isolada, à parte, como se estivesse sòzinha: está prêsa numa frase; por isso, **logo que** a final da palavra é pousada, como final necessária, existe uma nuance de legato intensivo, mais ou menos nítido, e **mais ou menos imediato**, conforme as exigências do contexto musical.

De resto, esta experiência de audição tão aproveitável, pode o leitor faze-la também com outro disco de Solesmes por ex. o dos Introitos (**Inclina, Exsurge**...) ou o do **Credo** III ou I, ou **Glória IX** (com as nuances em **Laudamus te** mencionadas na Revue Grégorienne, 1955, n.º 5), o do **Lauda Sion** e do **Veni Creator**; em seguida, com qualquer outro disco, notando-se que o disco dos **Allelúias** convém evidentemente menos porque é "jubilante" e menos verbal.

Enfim, pode-se ouvir um disco de outra interpretação, de outra schola, mesmo dos que se dizem discípulos de Solesmes. Ver-se-á então onde se acham as diferenças de estilo, de flexibilidade, de unidade verbal, e uma pergunta se imporá: "Não seria êste estilo verbal precisamente um dos segredos de Solesmes?" Em parte alguma a palavra é cantada em sua unidade como em Solesmes.

Assim, a audição comparada de discos nos fará ouvir êste estilo verbal em sua verdadeira extensão, para melhor compreender as melodias gregorianas provindas da palavra e enfim, quase imediatamente e fàcilmente, melhorar nossas execuções.

ESTUDO DOS DISCOS POR RITMOGRAMAS

Existe outro estudo dos discos que confirmará de modo objetivo, o que a audição permitiu observar: o estudo por "ritmogramas". (2)

Seguem-se alguns ritmogramas, comentários preciosos, impessoais, registrados de discos de Solesmes e que mostram o pousar da final das palavras.

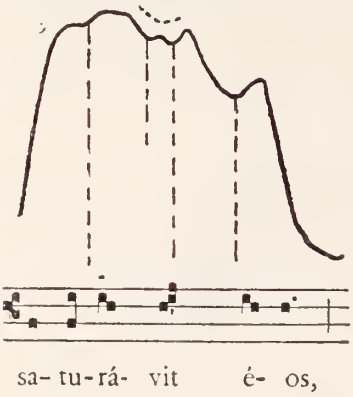
1) Intr. **Cibavit... saturávit.**

A sílaba **vit** no levantar, antes da nota episemática do sálicus, é primeiro pousada com um muito leve e breve decrescendo, manifestado pela encosta da curva no lugar da linha pontilhada; é sòmente depois, e imediatamente como o contexto o pede, que se produz o leve e breve aumento de volume vocal antes da recaída no ictus do sálicus. Notemos que a final no levantar está pousada na nota modal **FA**. Pode-se também notar que é o acento tônico que é o cume da

---

2) Lembremo-nos de que se trata de um gráfico, registrado automàticamente de um disco e que dá a curva da intensidade dos sons em função da duração; é a curva-imagem das variações da intensidade do som, tal qual é expresso pelo disco mas despojado de sua altura e de seu timbre. Nesta curva se podem seguir as mesmas flutuações da intensidade e da expressão. Cf. também R. G. de janvier 1957, p. 77).

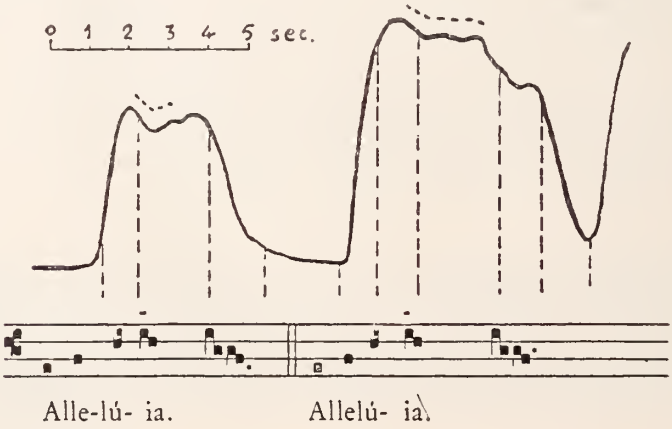
palavra e que o LÁ do sálicus não passa de uma bordadura, e não faz o papel de polo intensivo.



N B. — Nestes ritmogramas as Verticais pontilhadas delimitam os T. C. binários ou ternários (salvo, a vertical que não desce até a pauta, que indica o início do T. S., final da palavra *Saturávit*). De outro lado, a notação gregoriana que não se pode distender à vontade, não permite sempre colocar rigorosamente nas "colunas" assim constituídas, as notas que correspondem aos T.C. (p. ex. em *Vocábitur nomem*). Compete ao leitor inteligente suprir esta aparente imprecisão.
(*Trechos de carta*)

2) ALLELÚIA DIES SANTIFICATUS

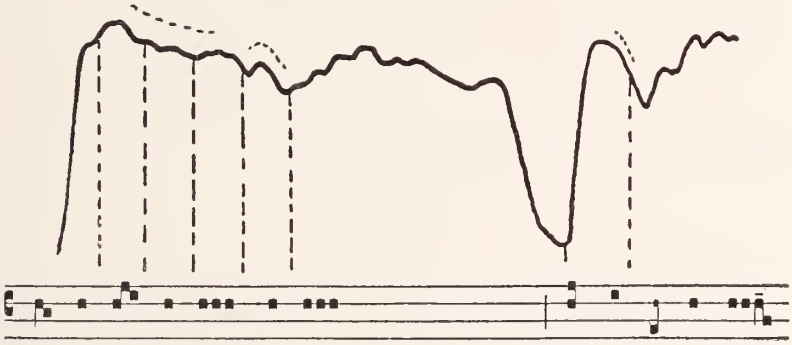
Observemos a palavra **Allelúia** cantada a primeira vez pelo corinho, e a segunda vez por todos: a encosta da curva manifesta cada vez o pousar da final depois do acento tônico, um pousar manifestado por leve decrescendo, ligeira depressão vocal, seja qual fôr o refôrço vocal que se segue imediatamente. Na fig. abaixo podemos comparar os dois repousos ou apoios da sílaba ia; notemos no lugar das linhas pontilhadas que, na repetição pelo côro, a voz é menos viva, pois a curva aparece mais retilínea, mais chata, isto é, de intensidade menos variada, logo, menos viva, menos vibrante que a do corinho.



3) INTROITO **PUER... VOCÁBITUR NOMEM** EJUS MAGNI

Na palavra **magni** verifica-se que a final da palavra não é cantada como ársis no levantar do ritmo, situação em que, entretanto, se acha, estando colocada antes do íctus da palavra seguinte, mas, sim, e até parece exclusivamente, como a final da palavra.

Pode-se verificar, ao mesmo tempo, que a maneira de pousar a final, a diferença de execução do dáctilo tônico **vocábitur** bem decrescente e do espondeu tônico **nomen** que segue imediatamente com sua arsis no levantar. Isto ilustra a maneira de fazer o exercício proposto na 1a. pág. dêste artigo.



et vo-cá- bi-tur nómen... mágni consí- li-

E' sòmente em período de grande volteio que Solesmes sacrifica esta discreta deposição da final, êste efeito de acabamento da palavra pela final, êste efeito de unidade; é necessário que a nota não tenha influência modal e os casos de inversão melódica em nota modal são raros; ainda se poderia pensar que a final pode ser ligeiramente pousada um instante e sòmente depois, mas logo depois, o Côro (para falar sinceramente, melhor o corinho do que o grande) se deixa levar pelo grande volteio que a melodia comanda: **para Solesmes que, cada dia, canta neste estilo bem ritmado, peças em que a palavra criou a melodia, o estilo se tornou instintivamente verbal. Solesmes não pode fazer de outro modo. Graças a esta cultura lentamente adquirida, a esta impregnação verbal e modal, Solesmes tornou a encontrar uma interpretação conforme à própria estrutura do canto gregoriano: poderia ser isto um dos seus segredos de interpretação porque é um segrêdo de fabricação da melodia**; eis porque a audição atenta dos discos de Solesmes e de outros, com êste espírito de pes-

quisa, pode permitir-nos ràpidamente melhorar, não sòmente nosso estilo, mas também nosso ensino.

A palavra bem pronunciada, a palavra cantada em sua unidade, eis o que se ouve nos discos de Solesmes e o que nossos livros não falam bastante, porque falam demais exclusivamente sôbre o acento tônico; o que se ouve, esta unidade da palavra, vivendo do acento tônico e fechada pela deposição da final, explica-se pelo duplo instinto verbal e modal que se ouve nos discos e dos quais se vê a causa na estrutura da melodia pode ser adquirido; não é mais sòmente uma receita de gramática, um esfôrço superficial, de expressão momentânea, local, mais ou menos forçada, mas um estilo de fundo; não é uma decoração, mas uma arquitetura, um estilo ao mesmo tempo rítmico verbal, modal: aliança íntima da palavra e da música. Querendo-se encontrar aqui uma receita, seja ela o **respeito pela final** sem nada sacrificar do acento tônico.

Embora as aparências, isto não é tão simples, revela grande arte; e é necessário um conhecimento aprofundado do texto e da melodia, do ritmo e da modalidade.

CONCLUSÃO

Defesa e ilustração da final das palavras! Tal poderia ter sido o título destas páginas. Esboçam, com efeito, uma defesa teórica do papel da final, necessária para terminar rítmicamente o sentido da palavra viva e musical, e uma ilustração do papel da final pela análise das melodias gregorianas, onde se viu o atrativo da final para com uma nota modal e a união íntima "em simbiose", do texto e da música. Ilustram ainda o papel da final pela análise do estilo de Solesmes que canta as palavras em sua unidade, numa interpretação de acôrdo com a composição.

Tudo que estas linhas têm de gramatical ou de analítico deve ser pôsto a serviço da pedagogia, da arte, da oração. Êste conhecimento do papel da sílaba final das palavras permitirá a rápida aquisição dêste estilo verbal, ao mesmo tempo flexível, preciso e livre, que é uma das características da arte gregoriana. O canto pregoriano, então, simples e livre, torna-se verdadeiramente o canto da alma libertada, em oração, pois tornemos a dizê-lo, o rítmo gregoriano nos aparece agora como verdadeiramente livre; sabemos que o rítmo, teòricamente independente da matéria sonora, concretiza-se escolhendo dentre essas qualidades aquela que o vá especificar, dar-lhe sua existência e seu gênero; mas esta especificação muda sem cessar de forma, quando o rítmo é verdadeiramente livre; é, então, livre não sòmente na sucessão binária ternária, mas na liberdade da es-

colha das qualidades sonoras ou verbais que o especificam; é livre, **ao mesmo tempo mutável e dirigido**; segue as menores flutuações do jôgo musical do compositor na flexibilidade das atrações verbais-modais. instintivas. No artista, dentro do respeito, enfim, dos menores desejos da alma em oração. E' inspirado então, só pelo gênio musical, mas ainda e ao mesmo tempo, pelo sôpro da oração: a alma musical gregoriana, cantando em rítmo livre, está à disposição do Espírito que a faz "exalar gemidos inenarráveis"; o cantor é, então, simples como o filho de Deus, e livre. como a liberdade dos filhos de Deus; o rítmo é verdadeiramente livre, se fôr, a cada instante, bem o sôpro da alma, livre em sua oração, modulada pelo Espírito. Eis porque o canto gregoriano exprime tão bem a oração universal, e compreende-se por que São Pio X o tenha apresentando como modêlo de tôda música sacra: êle se eleva acima de seus alicerces latinos para desabrochar-se numa forma universal de expressão livre como a liberdade dos filhos de Deus.

"Tudo se diz do canto gregoriano. E esta música, entretanto, que não derrama filtro algum, possui seu mistério. Não se lhe descobre coisa alguma de extraordinário e, durante séculos, esta música agitou o coração humano. E' que, nela, a luz vem do interior. E' que ela tema medida exata de nossa espiritualidade. E' que a incomparável liberdade de seus ritmos simboliza, de modo perfeito, a liberdade da alma no seio do amor cristão. Ela é paz, serenidade, fervor, invocação tranqüila e certa de ser atendida. Procede por longas, calmas ondulações, como vagas do mar em belo dia de verão. Sob a forma que lhe é própria, não foi ultrapassada. Participa de uma época, mas ao mesmo tempo é eterna assim como o amor, a oração, a paz...

A Igreja não podia nem sonhar com música mais apropriada à sua liturgia." (3)

Apenas um reparo: a incomparável liberdade de seus ritmos simboliza a liberdade da alma... não está dito completamente, pois não sòmente ela a **simboliza**, mas a **exprime**, realiza-a no canto, é dela uma prova cantada: a alma que a graça faz cantar livremente não pode conter-se nas mais belas convenções, nem mesmo nas melhores intenções! Obedecer ao Espírito que sopra como quer.

---

3) COLLING, Histoire de la musique chrétienne, Arthème Fayard, p. 25.

"Aquêle que ouve a Minha voz **tem** a vida eterna."

2.º LIVRO DE CANTO GREGORIANO

(*Direitos Reservados*)

A QUIRONOMIA

Communio do 6.º Domingo depois de Pentecostes

Pensamos que terão já os leitores traçado a quironomia desta peça, em seu próprio "Liber Usualis". Se ainda o não fizeram, por favor, para seu bem, tomem do livro p. 1009, tracem a quironomia a lápis de leve, antes de prosseguirem no estudo e na comparação com o traçado da Fig. 89 abaixo.

Supondo agora que já o tenham feito, prossigamos; corrijam seus traçados pelos das Figs. 89 e 90. Analisemos :

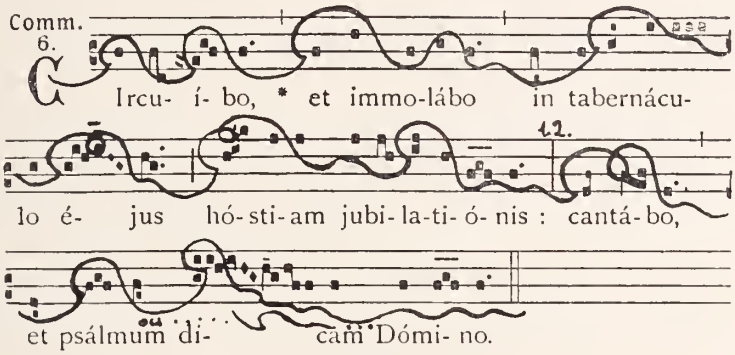


Fig. 89

Traçado do **gesto motor** (linha côncava inicial). E' binário êste, porque o primeiro T.C. da peça é binário.

1.ª FRASE: 1.º MEMBRO — 1.º INCISO: "Circuíbo":

Arsis binária (só temos o 2.º T.S. expresso, o 1.º subentende-se em silêncio, pausa) — thesis binária — arsis ternária — thesis binária (no punctum pontuado e sílaba final, tética por natureza). Neste inciso houve concordância perfeita entre a melodia e o ritmo.

Naturalmente, começou-se por um **impulso** (arsis, têrmo do gesto); segue-se um intervalo de 4.ª descendente, (na clivis) pede thesis; a melodia sobe em intervalo de 3.ª menor (SOL-SI bemol) e pede arsis ternária (no tórculus) — e thesis para repousar o inciso. Can-

tem esta **palavra melódica** (que aqui coincide com a palavra literária). Agora contem os tempos, traçando ao mesmo tempo os gestos rítmicos no espaço. (Vejam que dissemos: **contem** e não cantem — é que para traçar a quironomia é mais lógico começar por contar: pois o **ritmo ordena tempos** e não sons). Traçaram assim o **esquema VII,** isto é, o movimento regular de entremeio de arsis e thesis.

Êste 1.º inciso se articula com o 2.º por **mora-vocis.** (Articula-se, sim, pois no ritmo não há solução de continuidade).

1.º MEMBRO, 2.º e 3.º INCISOS: "et immolabo in tabernaculo ejus":

Arsis binária — thesis binária, com o 2.º tempo bem levantado, arredondado, porque coincide com o acento tônico da palavra (LÁ) — thesis binária — thesis ternária —arsis ternária -- thesis binária — thesis binária (trístropha subdividida intelectualmente: o 3.º tempo recebe o ictus, mas não se repercute êste som da longa) — arsis ternária — thesis binária e thesis binária, (na clivis duplamente pontuada). Também nestes 2 incisos há concordância perfeita entre a melodia e o ritmo: os acentos tônicos coincidem com as arsis e as sílabas finais com as thesis.

O 2.º inciso se articula com o 1.º por meio de T.C. ternário tético, (formado pela clivis liquescente ou cephálicus e o punctum, nas sílabas **in ta**). Êste T.C. é tético porque o intervalo de 4.ª descendente do cephalicus o requer. Também por causa desta articulação imprescindível é que tivemos que analisar os 2 incisos juntos. O movimento ascendente de 3.ª-menor (RÉ-FA) na sílaba **ber** pede naturalmente arsis, cujo 3.º tempo coincide com o acento tônico da palavra **tabernáculo.** Thesis na trístropha, que forma espécie de patamar e outra thesis no movimento descendente de 3.ª menor (FA-RÉ), para tornar a subir no mesmo intervalo (RÉ-FA) no tórculus, depois firmar-se ainda em 2.ª arsis com o episema horizontal da 1.ª nota do ancus, repousando-se na clivis duplamente pontuada, em 2 thesis, antes da barra média. Nesta há respiração coletiva, mas **rápida,** tomada do valor do último ponto mora.

Cantem a melodia dêstes 2 incisos, melhor, cantem as 3 palavras melódicas neles contidas: a 1.ª de et até ta, a 2.ª de ber até lo, e a 3.ª coincidindo com a palavra literária **éjus.**

Contem-nas em seguida, traçando ao mesmo tempo a quironomia no espaço, (a mão curva como de quem segura uma laranja, braço flexível, leve, mas com chegada **precisa** do gesto em cada ictus) — Assim feito, devem ter verificado que traçaram os esquemas: VI (de et **immolabo** até **ta**), VI de **ber** até **lo,** VIII (compenetração do V com o VI) na palavra **éjus.** (Cf. Revista Gregoriana n.º 10, pag. 32 e seguintes).

Neste 1.º membro: "**CIRCUíBO**... **ÉJUS**" encontramos, pois, 3 incisos articulados entre si, respectivamente, por **mora-vocis** e por T.C. (Cf. Rev. Gregoriana n.º 22, pags. 44 e seguintes): articulam-se, sucessivamente as **palavras melódicas**, que obedecem aos esquemas VIII (VII e VI) de **Circuíbo** ..... **in ta** — VI de **ber** ..... **lo** — VIII (V e VI) em **éjus**.

Devido às articulações dos incisos entre si, só seria permitida a respiração individual nos 2 primeiros incisos. O côro todo deve dar a impressão da **síntese do membro**.

Respiração coletiva obrigatória na barra média (após **éjus**). Mas deve ser **rápida**, tirando do valor do último **ponto mora**, como foi dito atrás.

2.º MEMBRO — "hostiam jubilationis" :

Duas arsis. no scândicus quilismático caso de espécie — thesis binária com o 3.º tempo levantado em arsis elementar — thesis binária (clivis: 3.ª menor descendente) — arsis ternária — thesis ternária e thesis binária (esta cadência rítmica formada por um **tórculus** e um **punctum pontuado** é tética por natureza, 2 thesis: denomina-se **cadência espondaica ornada**, sendo que a **cadência espondaica simples** é a que se forma de **2 punctum pontuados** — espondaica, porque deveria vir sempre com espondeus tônicos ou palavras espondaicas; (mas há exceções perigosas, porque mudam pràticamente, isto é, conforme sejam cantadas, a acentuação da palavra... por exemplo cf. o Introito da "Assunção" em duódecim).

A **barra grande** vale 2 tempos, em **thesis**.

Êste membro é pequeno e se confunde com o inciso. Termina a 1.ª frase.

Começou-se êste **membro-inciso** por 2 arsis: a 1.ª binária e a 2.ª ternária; movimento ascendente do scândicus, que também coincide com o acento tônico da palavra: houve concordância entre **a melodia e o texto** nesta palavra melódica grafada no esquema VIII (em **hóstiam jubi**). Segue-se outra palavra melódica (em **la-ti-ó-nis mais a barra grande**) isto é: a arsis ternária, uma thesis ternária, uma binária e outra thesis formada pela barra grande que indica o fim da frase — obedece ao esquema VI.

RITMO-FRASE (1.ª frase):

PRÓTASE, até o **POLO EXPRESSIVO** em **hóstiam**;

APÓDOSE, desde o **POLO EPRESSIVO** até **jubilatiónis**.

Respiração obrigatória (isto é, coletiva) após **éjus**, mas rápida, pois caminha-se para o POLO EXPRESSIVO da 1.ª frase.

Nas barras mínimas (de inciso) só respiração individual.

O TEMPO PRENH

(QUADRO

	PALAVRA DE CRISTO		RESSURREI
MANDAMENTO			
DO PAI	VERDADE	JUÍZO (última hora (teológica)	
	VIDA		VIDA (em gé
(Jo 12,49)	(12,46-50)	(3,19-21)	(5,21. 1
		mediante	fé
			amor
			os Sacramen
			Batism
			Eucaris
			renúncia à

DE ETERNIDADE

NÓTICO)

SPIRITUAL		MANIFESTAÇÃO	
	RESSURREIÇÃO CORPORAL (último dia cronológico)		
RNA (na dor)		VISÃO FACIAL (na alegria)	GLÓRIA AO PAI
0-22;)	(5,26.28s)	(1 Jo 3.2)	(Jo 17, 1-5)
za			

2.ª FRASE

Um só MEMBRO, dois incisos — o MEMBRO coincide com a FRASE.

1.º INCISO:

Arsis binária, arsis ternária, thesis binária, que se liga com o 2.º INCISO por Ritmo Composto: thesis binária, arsis ternária, thesis ternária, arsis ternária, thesis ternária, thesis ternária, thesis binária, thesis binária, thesis ternária, thesis binária.

1.ª palavra melódica : **cantabo et** (esquema VIII);

2.ª palavra melódica : **psálmum dicam Dómino** (esquemaVIII, isto é, compenetração do VII **psálmum di** até o 3.º tempo do clímacus e do VI **dicam Domino).**

A 2.ª arsis em **cantábo,** pediu-a o acento tônico da palavra, assim como em **psál** além do motivo de haver intervalo ascendente da 4.ª (SOL-DO). O POLO EXPRESSIVO está em **dí** (no pressus) por ser o T.C. mais alto e coincidindo com o acento tônico da palavra.

(Se o côro estiver com tendência para ralentar demais, poder-se-ia—como remédio, mas não é ideal—fazer uma 2.ª arsis no T.C. ternário da clivis episemática na 1.ª nota mais a 1.ª nota da clivis vizinha; o número de thesis, seis, poderia ser causa dêste ralentamento...)

O POLO EXPRESSIVO DA PEÇA tôda está em **hóstiam,** ponto culminante da melodia.

Acabamos de indicar o 2.º modo de reger: **pelos esquemas rítmicos ou por palavras melódicas** (R.C.) e sintetisamos na regência pelo 3.º modo, o do **grande-ritmo** ou **ritmo-frase.**

Encontra-se subjacente nestes ritmos individuais, a ondulação rítmica, isto é, as C.R.F. unidas pelos T.C — Verifiquem :

1.º INCISO: **"Circuíbo" :**

1.ª C.R.F. : arsis no punctum inicial da peça indo para thesis no 1.º tempo da clivis (C.R.F. do 2.º estado ou B);

2.ª C.R.F. : arsis no 2.º tempo da clivis indo para thesis nos 2 primeiros tempos do tórculus (C.R.F. do 1.º estado ou A);

3.ª C.R.F. : arsis no 3.º tempo do tórculus indo para thesis no punctum pontuado (C.R.F. do 2.º estado ou B);

4.ª C.R.F. : arsis no **ponto mora** na sílaba **bo** precedente indo para thesis no punctum sôbre **et** (C.R.F. do 2.º estado ou B) etc. etc.

Experimentem traçar a ondulação rítmica e terão que obter na peça tôda :

1.ª frase — 21 C.R.F. e 21 T.C. — mais uma C.R.F. com arsis no último ponto-mora da frase (em **nis**) indo para thesis no 1.º tempo da barra grande e outra C.R.F. do 2.º tempo da barra grande indo para o 1.º tempo do podatus liquescente em**can.** — Logo nesta 1.ª frase, contando a barra grande (pausa) que a ela pertence, há 22 C.R.F. (e uma arsis que vai repousar já na 2.ª frase) e 22 T.C.

2.º frase — 13 C.R.F. e 13 T.C.

Se forem reger só pela ondulação rítmica, o canto será monótono, martelado até, porque não poderão obter expressão. Verifiquem.

Nesta 2.ª peça da Fig. 90 :

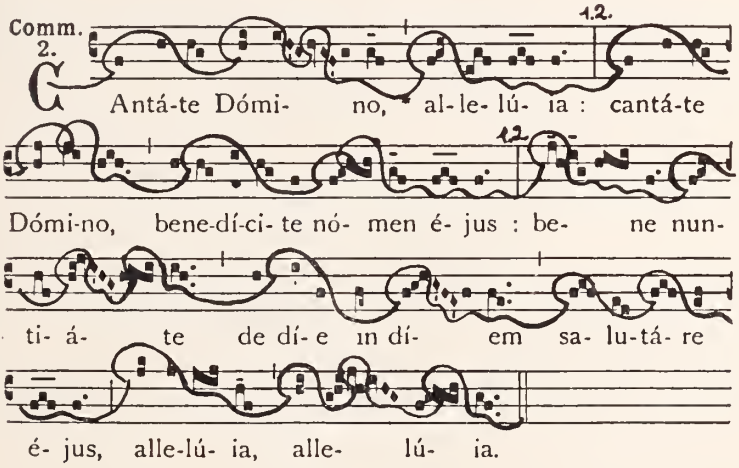


Fig. 90

1.ª frase : "Cantate...allelúia" — 3 palavras literárias, mas 2 palavras melódicas nos esquemas VIII e VI. Cadência feminina na clivis terminal do 1.º inciso (em **no**), logo sem respiração por dois

motivos: é só **barra mínima** e **cadência feminina**. **Barra grande** em silêncio, vale 2 tempos.

2.ª **frase**: "...**cantate**...**éjus**" — 5 palavras literárias, mas 4 palavras melódicas nos esquemas IV, VIII, IV e VIII. Entre o 1.º e o 2.º inciso, articulação por T.C., não se respira aí. **Barra grande**, 2 tempos.

3.ª **frase**: "**bene**...**allelúia**" — 10 palavras literárias, mas 8 palavras melódicas nos esquemas VI, VIII, VI, VIII, VIII, VI, VIII e VI. Articulação por T.C. entre "**nuntiate**" e "**de die**": pode-se respirar entre êstes 2 incisos mas muito ràpidamente; e não se deve respirar entre "**diem**" e "**salutare**". Respiração obrigatória depois de éjus. Articulação por cadência feminina, entre os 2 **alleluia** finais, logo sem respirar entre os dois.

RITMO-FRASE

1.ª **frase**: ..PRÓTASE, até o POLO EXPRESSIVO em **Dómino**; APÓDOSE, desde o POLO EXPRESSIVO até **alleluia**.

Expressão: **piano**.

2.ª **frase**: PRÓTASE, até o POLO EXPRESSIVO em **Dómino**; APÓDOSE, desde o POLO EXPRESSIVO até **éjus**.

Expressão: **mezzo forte**.

3.ª **frase**: (1.º membro): PRÓTASE, até o POLO EXPRESSIVO em **bene** (forte);

APÓDOSE, desde o POLO EXPRESSIVO até **éjus**;

(2.º membro): PRÓTASE, até o POLO EXPRESSIVO em **alleluia**;

APÓDOSE, desde o POLO EXPRESSIVO até o fim.

(Continua)

S. João nos afirma a unidade profunda que existe **entre a vida que o Cristo nos dá desde agora e a vida eterna que foi inaugurada por Sua ressurreição.**

* * *

ESCLARECIMENTOS PEDIDOS

61 — **O Canto Gregoriano** : O canto gregoriano pode ser considerado sob três aspectos diferentes :

1.º. Sob o ponto de vista **histórico**, o canto gregoriano representa uma forma de arte chegada ao estado clássico na época de S. GREGÓRIO I, cognominado o Grande, que foi para de 590 a 604; possuindo, graças ao gênio romano, aquela segurança, aquela ordenação lógica, aquêle equilíbrio arquitetural que não se poderá, de boa fé, negar-lhe (1); e tão rico, enfim, de possibilidades de tôda a natureza, que contém em germe muitas das formas posteriores da composição musical.

2.º. Sob o ponto de vista **litúrgico**, o canto gregoriano, é o canto oficial e patrimônio da Igreja Romana (2), incorporado no culto público, a título preferencial e permanente, pelas decisões emanadas da autoridade pontifical, renovadas nos últimos tempos, e de maneira imperativa, por Pio X, Pio XI e XII. (3).

3.º. Sob o ponto de vista **técnico**, o canto gregoriano opõe-se, pela modalidade, caráter monódico e liberdade rítmica, à música moderna (4) e sobretudo, bem entendido, à música métrica. Não se vai ao ponto de pretender, no entanto, que não hajam entre as diversas formas da arte musical, quaisquer que elas sejam, certos pontos de contato. No domínio do **ritmo** e da **expressão**, designadamente, muitas das questões abordadas a propósito do canto gregoriano permitem a aplicação a tôda a música de conclusões na aparência especializadas.

E' sob o ponto de vista técnico, e, mais expressamente, sob o ponto de vista rítmico, que vamos estudar o canto gregoriano.

E' difícil, a bem dizer, separar completamente a técnica da estética, pois estão intimamente ligadas.

"**A arte** — escrevia há pouco o querido e saudoso HENRI ELIE (5) — **não é pura ideologia; ela utiliza a matéria, mas, precisamente, "isso só é possível porque a matéria possui virtualidades e disposições "que a tornam capazes de receber a marca do espírito; para empregar "a linguagem dos Escolásticos, a matéria possui aptidão para receber** "a forma **e ser primeiro** isto **ou** aquilo **e, ao mesmo tempo, tornar-se "no símbolo duma realidade superior, para dizer isto ou aquilo...**

"**O termo** símbolo **exprime exatamente esta disposição original "da matéria, ilustra claramente a ação criadora, projetando de um "só impulso a realidade espiritual e a realidade material, segundo "uma norma de concordância e de harmonia que é dado ao espírito "humano descobrir e explorar na obra de arte...**

"**O universo criado está cheio destas analogias reveladoras de um "plano inteligentemente ordenado e de uma finalidade onde a unida-**

"de se encontra na diversidade das formas. Elas são uma condição "da inteligibilidade e tornam possíveis a investigação e a arte. Se reu- "nimos êstes dois termos: investigação e arte, **é porque, quanto a "nós, a arte é um modo de intelecção, modo em que a sensibilidade "desempenha um papel motor muito particular, sem deixar de estar "submetido ao primado da inteligência (6). Nisto nos afastamos da- "quêles que o submetem ao primado da sensibilidade (7).**

"Todavia, não se deve diminuir o papel ativo que a sensibilidade de- "sempenha na elaboração da obra de arte; é a antena que a inteli- "gência não pode dispensar para entrar em contáto íntimo com a "matéria que tem de aprofundar e explorar em tôdas as possibilida- "des (8). Êste contato opera-se precisamente no seio da técnica pró- "pria a cada arte; a técnica aguça, afina as nossas percepções da li- "nha. da côr, do som, do ritmo, torna-as utilizáveis para o fim espi- "ritual que a arte se propõe e é nesse sentido que se pode dizer que "a técnica informa a estética." (9)

Se transcrevi esta página magistral é porque a mesma se relaciona diretamente com os fins que êste **Epítome** pretende atingir.

Com efeito, devemos recordar constantemente que a arte não é dissociável, nas suas realizações, do **saber**, da execução própria de cada uma das suas formas, de tudo, enfim, o que os gregos subentendiam pela palavra.

Na música não se pode aspirar à interpretação perfeita sem conhecimento preciso das condições em que se efetua, em todos os graus duma tão complexa organização a síntese dos elementos da linguagem sonora.

Claro — e é bem assim que se devem compreender as coisas — **a técnica não é um fim em sí**; ao serviço da música, **não é mais do que um meio para chegar à expressão**, quer dizer, à ressurreição de tudo o que vive latente sob a inerte fixidez dos sinais. Mas é um meio **necessário** e aspirar à expressão negligenciando a técnica equivale a construir no vácuo, colocando-se exatamente na situação paradoxal de alguém que quizesse traduzir o seu pensamento ou transmitir o alheio numa língua que não conhecesse (10)...

Da base ao cume do edifício sonoro, nada, em qualquer momento pode ser esquecido ou desprezado sem que a **música** sofra diretamente.

Sem dúvida que o espírito, como o corpo, tem os seus automatismos e os seus reflexos; as operações de síntese simplificam-se confundindo-se, quando se abordam os planos superiores da técnica, porque os dados das sínteses inferiores ou intermediárias se subordinam uns aos outros, completando-se progressivamente. Mas pode-se divorciá-los sempre, e tôda a síntese tem como fundamento indispensável uma análise tão exaustiva quanto possível.

62 — ..."Esta grande contemplativa (a Igreja), instruída pelo dom da Ciência, tem o discernimento profundo de tudo o que faz falta ao coração humano. e reconhece o valor único da arte. Por isso, tanto a tem protegido no mundo. Mais: considerou-a **Opus Dei** e encomendou-lhe os perfumes de alto preço que espalha sôbre a cabeça e os pés do seu Senhor. **Ut quid perditio ista?** — dizem os filantropos. Mas ela continua a embalsamar o corpo do seu amado de quem, todos os dias, anuncia a morte, **donec veniat.**" (J. Maritain, op. cit., pag 112).

A esta espécie de **Consagração** dada pela Igreja ao canto gregoriano voltaremos mais tarde (n.º 7) para mostrar como êle realiza a **harmonia do divino e do humano** duma maneira perfeita: tão simplesmente, com tal naturalidade que ninguém se deve admirar de aí respirar, por assim dizer, tão à vontade. Não é difícil, aliás, descobrir a razão. Se bem que impregnado de teologia, o canto gregoriano foi feito e mantém-se **à medida do homem:** não do homem considerado em estado puro, duma espécie de super-homem abstrato, mas do homem tal como êle é, escravizado às exigências do seu corpo e vulnerável, ao mesmo tempo, na alma, na sua inteligência, no seu coração e nos seus sentidos — dum homem em que cada um de nós pode, em definitivo, reconhecer-se e reencontrar-se.

Resulta daquí que a espiritualidade do canto gregoriano é fácil e diretamente assimilável, a ponto de serem muitas vêzes as almas mais humildes que dêle tiram maior proveito. O canto gregoriano é um fermento muito ativo de vida interior, um antídoto poderoso contra as paixões que o Demônio tenta, pela tripla concupiscência, inocular-nos: — um autêntico **sacramental**, diz o P. SERTILLANGES. Poder-se-á acusar de exagêro e censurar aquêles que empregam a seu respeito a palavra carisma, depois de se ler a **extraordinária** declaração de SANTA HILDEGARDA no Capítulo de Mayence?... "**Assim como o corpo de JESUS CRISTO** — escrevia ela — **nasceu por intervenção do Espírito Santo, da integridade virginal de Maria, assim o canto de louvor, éco da harmonia celeste, foi enraizado** (radicatum) **na Igreja por uma intervenção semelhante do Espírito Santo...**"

A. LE GUENNANT, "Epítome de Rítmica Gregoriana"
(Tradução Portuguêsa).

63. — Está certo. Não se pode predeterminar tôda a interpretação a dar-se a tal ou tal trecho musical. Transcrevemos abaixo o que diz Le Guennant no seu "Epítome de Rítmica Gregoriana", capítulo 21: "Não só não se pode dizer tudo mas seria vão pretendê-lo, já que a arte, qualquer que seja a sua forma, escapará sempre ao automatismo das fórmulas feitas.

Sem dúvida, tudo está nos sinais, pelo menos em princípio e na intenção do compositor; mas não é menos verdade que o intérprete deverá muitas vêzes procurar para além dêles a que correspondem as suas figuras simbólicas. (11)

Questão de musicalidade e cultura? Sem dúvida. Mas questão também de reflexão e — porque não dizê-lo? — de pensamento interior, de meditação.

Quando um chefe de orquestra quer dar de uma obra uma versão não sòmente conscienciosa mas também, e sobretudo, viva, não se contenta em examinar-lhe superficialmente o plano arquitetural ou a instrumentação. Mesmo se souber a partitura de cor, a sua execução mostrar-se-á fria e apagada se, para lá das combinações ou oposições de timbres, não tiver ido até às razões de ordem expressiva que as motivaram **e não tiver encontrado o ponto em que a música escrita se identifica com o seu canto interior** que os sinais têm por função despertar e sem o recurso do qual a técnica, só por sí, seria absolutamente inoperante.

Assim sucede com o canto gregoriano, onde um sem número de pormenores de interpretação apenas nos revelarão à luz da sua musicalidade e, no prolongamento desta, **da sua espiritualidade.**

Porque tudo nele é oração, melodia e texto conjugados. Não é senão por abstração que se podem distinguir. A música religiosa não é um acessório ou um ornamento exterior; é a vida da própria oração que toma a sua forma completa; ela está ligada à palavra como a palavra ao pensamento, o pensamento à alma e a alma ao Espírito-Santo". (12).

E', portanto, o **espírito de oração,** cuja origem se encontra na nossa alma, que, para além das palavras e dos sons, deve reger em canto gregoriano as relações dêstes com aquêles.

E se êste espírito de oração aceita perfeitamente os magníficos vocalizos, de que o **Jubilate Deo** do II Domingo da Epifania nos dá exemplo, opõe-se radicalmente a todo o lirismo inútil, a tôda a falsificação dos sentimentos naturais, a tudo o que perturbaria aquela paz fora da qual as coisas não poderiam ser estabelecidas na sua ordem própria, no seu ritmo.

Eis-nos, assim, reconduzidos à técnica. Com efeito, como realizar êste harmonioso acôrdo de sons e de palavras na oração, de que fala algures SÃO BERNARDO (13), fora de certos **processos,** fora de um certo mecanismo cujo funcionamento em tudo o que é melodia acabamos de estudar? Quem não vê que êstes meios são necessários e que seria pura ilusão pretender atingir um fim situado para além dêles sem, primeiro, os haver utilizado?..." (Ibidem).

64. O EPISEMA NO ICTUS

Princípio.

> **Por sua afinidade com a duração, o pousar do ritmo tem uma aptidão tôda natural para receber o episema: um alongamento sensível não corre risco, portanto, de modificar o ritmo.**

a) **Ictus téticos.** O caso mais natural é aquêle em que o episema acusa uma recaída tética, da melodia, como por exemplo nos casos seguintes :

Grad. **Propter veritatem** (L.U., p. 1603, em **quia concupivit rex**): notar o episema na primeira nota do grupo de **vit** :

All. **Caro mea** (L.U., p. 945, na vocalise final, último inciso): notar o episema na nota inicial do grupo, e outro episema, indicado pelos manuscritos, abrangendo as quatro primeiras notas do clímacus DO, LA, SOL, FA.

Ant. **Nativitas tua** (L.U., p. 1627, em **Sol justitiae**): notar os episemas na 1.ª nota do podatus, e na primeira, na terceira e na última nota do clímacus.

Graças a êste princípio é que os coros têm tendência para alargar um pouco as recaídas, mesmo quando não exista episema, como por exemplo no **Salve Regina**, simples, em **illos tuos**; é uma tendência natural que não se deve procurar suprimir completamente, porque se pode obter então uma execução precipitada e desgraciosa.

Por extensão os ictus téticos de uma cadência são muitas vêzes marcados também com o episema, mesmo que a recaída melódica esteja menos acusada; já vimos atrás como é que o episema freia desta maneira o impulso das fórmulas-tipos que terminam uma peça.

b) **Ictus ársicos.** Todavia, mesmo quando se trata de um ictus ársico, não é raro encontrar-se um apoio rítmico.

Por isso, vê-se muitas vêzes (ao menos nos manuscritos) um episema na primeira nota dos podatus de acento, como nos três exemplos seguintes, tirados do Gradual **Dirigatur** (L.U., p. 1060) nas palavras **in conspéctu-elevátio-manuum.**

Constitui isto uma nuance muito interessante para a execução correta, gregoriana, do podatus em geral. A tendência moderna, com efeito, é de encurtar a primeira nota para deixar todo o pêso do ritmo na segunda, principalmente quando esta última se encontra num cume melódico.

O gregoriano mais comedido dá, pelo contrário, todo o apoio da voz à nota íctica, base do impulso rítmico, e passa arredondadamente e com doçura pela nota aguda como se esta saísse da primeira.

Mais uma vez, o episema lembra aqui o verdadeiro estilo gregoriano, sem prejudicar naturalmente o caráter especialmente expressivo que confere ao impulso melódico.

Aliás, o episema é encontrado, não sòmente no acento tônico, caso mais freqüente, mas também, muitas vêzes, quando a melodia toma um impulso mais vigoroso. Acontece então, ao menos nos manuscritos, que o episema afeta não só um ictus apenas, mas tôda uma série, que se torna assim como trampolins do ritmo e da intensidade: Grad. **Benedictus Dominus** (L.U., p. 478,): em **Suscipiant** Ofertório **Anima nostra** (L.U., p. 430,): em **Erépta est.**

Resumindo: esteja na arsis ou na thesis, o episema sempre salienta o papel do ictus e dêle participa — como o ictus, o episema ajuda pois o movimento a tomar impulso ou a freiar quando chega ao fim, da mesma maneira que as recaídas ao solo do cavalo de corrida a galope dão-lhe mais andamento enquanto tende para o fim, mas ajudam ao seu ralentar logo que passe a meta. (Cf. Dom GAJARD, Notions de rythmique, p. 33).

Vê-se, portanto, como o episema assim compreendido não concorre para entravar a marcha da melodia, mas, pelo contrário, é êle que acaba de dar-lhe sua linha própria.

Em todos êsses casos, não se tema transformar o ritmo por um alongamento exagerado; pois, mesmo quando se chega a dobrar materialmente a nota, pode-se sempre contar: **um**, supondo um alargamento do **tempo**; também, em estrita análise não se é obrigado a transformar um binário em ternário nem sobretudo, de colocar um segundo ictus no segundo tempo de um ternário.

Enfim, o episema não deve ser uma nota pesada, na qual a melodia se atola, mas conserve êle sempre ao ictus a elasticidade que lhe é própria e sua tendência para se projetar: aí está todo o segrêdo da execução do ictus.

NOTAS : (1) "Esta arte tão hàbilmente ordenada, mas sempre tão natural, só se explica como tendo pertencido a uma sociedade literária cultivada, habituada às mais finas sutilezas da linguagem e da música. Nada mais falso, nada mais oposto a todos os dados históricos, e sobretudo aos monumentos, que um S. GREGÓRIO, o Grande, fazer-se bárbaro para agradar aos bárbaros. De resto o canto gregoriano não data de S. GREGÓRIO, nem o sacramentário que ostenta o seu nome: um e outro mergulham as suas raízes num passado onde floresciam ainda as tradições antigas da literatura romana. As melodias, como as palavras, lembram um mundo impregnado de recordações e de modelos da antiguidade clássica; ambos têm uma seiva literária, uma forma dôce e nobre, frutos de uma civilização que, herdeira simultânea das felizes invenções do gênio humano e do bem das verdades divinas, soube admiràvelmente servir-se das primeiras para decorar e ornamentar as segundas. Não nos surpreendamos, por isso, de encontrar no sacramentário um latim digno dos mais belos séculos, e, no antifonário, um canto capaz de deliciar os ouvidos mais apurados." ("**Paleografia musical**", tomo I, **Introdução geral,** pag. 113).

(2) "E' à Igreja católica, e mais especialmente aos Pontífices romanos, ninguém o esqueça, que a ciência e a arte são devedoras desta

língua musical litúrgica. Inspiradora e guardiã fiel do belo, assim como o é do verdadeiro e do bem, a Santa Igreja criou esta língua harmoniosa cujos acentos espontâneos e o ritmo flexível e natural ajudam e, ao mesmo tempo, obedecem, tão maravilhosamente, aos sentimentos da alma que reza, cantando, e canta, orando" (**Ibidem**, pag. 49).—"O canto gregoriano, diz também o Rev. Padre Dom COZIEN, abade de Solesmes. é o arco-botante da liturgia romana. Se esta a pouco e pouco suplantou as outras, foi sem dúvida por causa do seu valor intrínseco e da autoridade papal, mas sobretudo, talvez, por causa da beleza do canto gregoriano. O que o prova històricamente é o fato de que a liturgia romana tem seguido as flutuações do canto: isto é, foi acusando uma decadência sem remédio à medida que se deu o abandono das tradições rítmicas" (**"A obra de Dom Guéranger"**, notas, pag. 62).

(3) **Motu proprio** de 22 de novembro de 1903; constituição apostólica **Divini cultus sanctitatem** de 20 de dezembro de 1928; constituição apostólica **Deus scientiarum Dominus** de 24 de maio de 1931 e **Regulamento-anexo** de 12 de junho de 1931; Encíclica **Mediator Dei** de 20 de novembro de 1947. Há entre êstes diversos documentos uma ligação definida, uma continuidade suficientemente demonstrada pelo fato de, na Encíclica **Mediator Dei**, Pio XII se limitar, no que se refere ao canto litúrgico, a ir buscar aos seus predecessores os **próprios termos** em que as prescrições da Igreja, a êste respeito, haviam sido solenemente promulgadas.

A propósito, lembremos que PIO XII acaba de chamar, uma vez mais, a atenção dos católicos para o grave dever que se lhes impõe da **obediência à Igreja** em matéria de liturgia. **"E' necessário acima de tudo vigiar por que todos obedeçam, com o respeito e a fé que lhes são devidos, aos decretos publicados pelo Concílio de Trento, pelos Pontífices romanos, pela Sagrada Congregação dos Ritos, e a tudo o que os livros litúrgicos estabelecem sôbre a ação exterior do culto público.**

"Em tudo o que se relaciona com a liturgia, é preciso que se manifestem o mais possível as três condições de que fala o Nosso predecessor PIO X: o respeito do sagrado, que repele com horror as novidades profanas; a dignidade e a correção das obras de arte, verdadeiramente dignas dêsse nome; enfim, o sentido do universal que, tendo em conta as tradições e os costumes locais legítimos, afirma a unidade a catolicidade da Igreja". (Encíclica **Mediator Dei**, 4.ª parte, II.)

Aviso oportuno, numa época em que nos enchem os ouvidos, em todos os domínios, com pretensas **reformas de estrutura** que não são mais, na realidade, tão imprudentes e apressadas se revelam, do que agentes de demolição. E' conhecido o dito severo de CLEMENCEAU: "Eu não vos censuro, católicos, de fazer Encíclicas; censuro-vos de não as pordes em prática !"

(4) Cf. "Número musical", I, 1.ª parte, n.ºs 87 a 91 — o que aqui dizemos não tem senão um valor de princípio e não deve ser exagerado. Em tôdas as épocas da história da música, os compositores têm-se esforçado por libertarem-se do jugo das regras e, por efeito das mesmas preocupações, somos testemunhas, na arte contemporânea, de uma verdadeira renovação da escrita musical.

(5) HENRI ELIE, sub-diretor do Instituto Gregoriano, falecido em 13 de janeiro de 1940.

(6) "Quer quanto à **arte** em geral quer quanto à **beleza**, é a inteligência, como o ensinam os doutores escolásticos por tôdas as ma-

neiras, que tem o primado na obra de arte. Sem se cansarem, estão sempre a lembrar-nos que **o primeiro princípio de tôdas as obras humanas é a razão.** Acrescentemos que, fazendo da Lógica a arte liberal por excelência, e em certo sentido o primeiro analogado da arte, êles mostram-nos que em tôda a arte há uma espécie de participação vívida da Lógica.

"Tudo lá é ORDEM e beleza,
"Esplendor, calma e volúpia."
(Jacques MARITAIN, "Arte e Escolástica", pag. 73).

(7) Razão tinha SCHUMANN ao escrever, nos seus **"Conselhos à Juventude"**: "Só sereis capazes de compreender bem o espírito depois de vos tornardes mestres da forma."

(8) Se é verdadeiro afirmar que o pensamento não pode **existir** realmente — para ser transmissível — senão incorporado na matéria, isto é, as palavras lògicamente ordenadas, outro tanto se pode dizer da **idéia musical**. Porque, se a inteligência não é, em música, a faculdade criadora, pelo menos combina as células geradoras, ajusta-as, define a direção e os limites do seu desenvolvimento e, finalmente, **constrói** a obra. E' preciso ascender às operações intelectuais para compreender alguma coisa da organização da matéria sonora.

"A obra de arte — escreve ainda J. MARITAIN — é pensada antes de ser feita, é amassada e preparada, moldada, incubada, amadurecida na razão antes de passar à matéria. E aí conservará sempre a côr e o sabor do espírito. O seu aspecto **formal**, o que a integra na sua espécie e a faz o que é, é o seu condicionamento pela inteligência." (Op. cit., pags 16-17) — Notas do autor.

(9) **Boletim do Instituto Gregoriano**, n.º de abril-junho de 1939: **"Em defesa da ordem"**, pags. 337-339.

(10) A técnica é o conjunto dos processos de que o artista dispõe para dominar a matéria e para a adaptar **à ordem**, a uma certa ordem que é própria a cada forma de arte. Abordar a matéria artística **sem saber do seu ofício** — como é freqüente fazer-se tão levianamente quando se trata de música — é criar necessàriamente a **desordem**, é ir contra as leis naturais de tôda a atividade humana, é querer, numa palavra, tentar o impossível. Em tal caso, a matéria resiste e vinga-se cruelmente do imprudente que teve a temeridade de se medir com êle completamente desarmado...

Quanto mais o estudo da técnica fôr aprofundado mais a beleza se nos manifestará no seu puro esplendor. "Quando se compreenderá — escrevia há pouco E. VUILLERMOZ, a propósito de um concêrto de TOSCANINI em Lucerna — que a radioatividade das grandes obras-primas musicais depende, em grande parte, do rigor da preparação e da perfeição da sua interpretação?" (**Candide** de 9 de agôsto de 1939).

(11) Cf. n.º 7.

(12) R.P. SERTILLANGES, Oração e Música, pag. 12.

(13) "Pelo que respeita à música, deve acompanhar o canto de uma maneira dôce e grave, de modo que as suas modulações não conquistem o ouvido senão para introduzir mais agradàvelmente a piedade no coração. Assim, a música empresta asas às palavras cantadas, incute a paz às almas que amam a paz, confunde-se com a oração sem obscurecer a significação das palavras. Porque privamo-nos de um bem mais considerável do que se pensa quando os ruídos harmoniosos do canto absorvem o sentido das palavras e se está mais atento à variedade dos sons do que à verdade que os sons encerram!"

VIDA DO INSTITUTO PIO X

Recebemos diversas cartas de nossos alunos e pedidos orais, para que lhes contassemos como começou nosso I. P. X. Achamos melhor tornar a publicar, por partes, o que, sôbre o assunto, foi elaborado no "BOLETIM da ESCOLA PIO X" e que já se acha esgotado :

Como nasceu a ESCOLA ?

De um ato de fé, daqueles que "transpõem montanhas".

Que montanhas? — pobreza de dinheiro, pobreza, sob muitos aspectos, da Religiosa a quem Deus confiou a obra. Mas confiança no **"Procurai antes de tudo o Reino de Deus e tudo virá depois por acréscimo".** E foi assim. Nada mais simples que a fundação de nossa ESCOLA.

Nos bancos do INSTITUT GRÉGORIEN de PARIS

Para lá a Superiora Geral das Dominicanas mandou aquela Religiosa curiosa e desejosa de estudar de verdade a arte gregoriana. Nada pedira. Desejo algum manifestara. Pelo contrário. Obedeceu. Foi. A obediência é o avião mais rápido e agradável, quando vista sob o prisma sobrenatural. Santa obediência que proporcionou três anos e meio de intensa vida, como a sabe dar o "Institut Grégorien de Paris" de modo essencialmente fraternal. De espírito cristão.

Em aula de Mr. Le Guennant, brotou a idéia de uma Escola no Brasil e de uma **Escola Pio X**, o grande Papa que reclamava para o canto da Igreja a beleza: "Cantai com beleza".

Doravante, em tôrno desta idéia que se tornou decisão, correram todos os estudos, tôdas as preocupações, tôda a atenção. Verdadeiro polo para o qual e em tôrno do qual se concentravam todos os esforços. ESCOLA PIO X... ponto de mira... no Brasil!... (1).

Em Fátima, dia 4 de Julho

Antes de regressar ao Brasil, a Religiosa Dominicana entregou todo aquele **Centro** de trabalhos e preocupações à Nossa Mãe do Céu, num dia inteiro passado junto da Virgem do Rosário de Fátima. E Ela tomou a frente. Para que preocupar-se ?... — Nossa Senhora e Pio X tomaram o comando da ESCOLA.

---

(1) Pouco mais tarde foi registrado com o nome de **"Instituto Pio X do Rio de Janeiro.**

Dia 20 de julho de 1950, primeiro encontro, em terra brasileira, com Mlle. Jeanne Coutela, também formada anteriormente pelo Institut Grégorien de Paris.

Dia 28 de julho, a Revma. Madre Vigária Geral das Dominicanas, Madre Maria Geraldo, o.p. em audiência com S. Emcia. o Sr. Cardeal Câmara, expôs-lhe o desejo da fundação de mais um curso de Canto Gregoriano na Arquidiocese. "Aprovo muito e abençôo. Entendam-se com Mons. Mota".

Vamos organizar ?

Vamos. Dia 31 de julho, entrevista com Mons. João Batista da Mota e Albuquerque, Presidente da Comissão de Música Sacra da Arquidiocese e Reitor do "Seminário S José". Exposição de planos. Acolhimento franco e cheio de entusiasmo, prudência e benevolência — Não se transpôs uma Montanha — talvez mesmo, nem uma Colina!... Como é bom lidar com pessoas compreensivas !

"Lancem as bases dum programa"...

Dia 7 de agôsto voltávamos ao Seminário, levando o Regulamento e o Programa do Novo Curso. Mesmo acolhimento. "Examinaremos o projeto e o apresentarei ao Sr. Cardeal D. Jaime de Barros Câmara". **Aviso por telefone:** — dia 18 de agôsto:

— "O projeto da "Escola Pio X", regulamento e programa, estão aprovados e abençoados por S. Eminência o Sr. Cardeal. Pede, entretanto, que se acrescente, após a frase: "Filial do Instituto Gregoriano de Paris", os dizeres: "e sob o patrocínio da Comissão de Música Sacra da Arquidiocese do Rio de Janeiro".

A "Escola Pio X" funcionará, pois, em completa autonomia, mas obediente às diretivas da Autoridade Eclesiástica.

Fica então determinado com Mons. Mota que a ESCOLA PIO X, com sede no Centro Social Feminino, à Rua Real Grandeza, 108, Botafogo — Rio, iniciará seus trabalhos a 1.º de Setembro próximo, para 4 mêses de estudos iniciais.

Fase de propaganda... ..

Na calma... na miaor modéstia (modéstia à parte). Pois começávamos sem capital, sem meios pecuniários para poder-se usar do Rádio e do Jornal na escala de publicidade exigida por tais circunstâncias. E continuamos na mesma !

Procuramos Estações de Rádio que sintonizassem para o Céu : telefonemas foram feitos e cartas enviadas a diversos Conventos de

Contemplativas, pedindo orações pelo empreendimento. E a publicidade do Céu para a terra foi-se fazendo...

Melle. Coutela ofereceu à ESCOLA 2.000 cartazes bastante artísticos que espalhámos pelas igrejas e educandários. Um sacerdote cuja Congregação possue ótima tipografia, ofereceu, espontâneamente, a impressão de 2 000 fôlhas de propaganda da organização dos Cursos. Nossa Mãe do Céu e o Bemaventurado Pio X continuam a inspirar a uns e a outros, pedindo-lhes auxílio para a "SUA" ESCOLA. Sigam bem os fatos e descobrirão maravilhas dentro da simplicidade. **Obra de Deus.**

E a inauguração da Escola ? como foi ? quando foi ?

Como foi? — metendo a mão na massa!... começando-se a trabalhar, a trabalhar, no dia 2 de setembro, às 14 horas.

Foram fundadores do Ciclo B, (isto é, Curso de 3 anos, especial para pessoas que só podem ter 1 aula por semana) 6 religiosas Angélicas, 3 Religiosas Ursulinas, 2 Religiosas Franciscanas e 1 Religiosa Dominicana. Os 12 Apóstolos de Nosso Senhor! Monsenhor trouxe-nos o incentivo de sua palavra sacerdotal, amiga e animadora.

Daqui a pouco, vão permitir-me uma piadazinha fraternal sôbre a sorte dêstes 12 apóstolos. Não será muito maliciosa, não!

Tratou-se para "o ano que vem", quando já se fôr "gente", cantar-se a Missa do Espírito-Santo, possìvelmente, se Deus assim o conduzir, no dia de Pentecostes de 1951. E assim, — em Deus, com Deus, e, naturalmente, **na Casa de Deus,** — será a nossa inauguração oficial. Com 12 Apóstolos? — Veremos.

Dia 8 de setembro, matriculam-se 4 alunas e 1 aluno. Inauguram o Ciclo A (Curso de 3 anos, para a formação de professôres técnicos e de regentes de Côro).

Dia 9, segunda aula para as Religiosas: mais duas Religiosas de Notre Dame se juntam aos 12 Apóstolos. São 14. No mesmo dia se dá a primeira aula para as domésticas: 2 se apresentam — e são jocistas e Filhas de Maria. Curso gratúito, duas vêzes por semana. Aparecem 2, depois 4, mais 1. E ficaram até hoje, firmes e entusiastas: **quatro.** Boas sementes, que frutificarão com o tempo e com o auxílio dos Revmos. Srs. Párocos, de quem "uma palavra basta..." E' professôra do Curso Mlle. Coutela.

Dia 14, primeira aula do Curso de Liturgia a quem têm direito as alunas da Escola Pio X. Não poude ir além de três meses êste Curso, porque a Diretora se viu logo absorvida pelas aulas de Gregoriano, e... "que é do tempo para preparar as aulas"?

Aliás, esta aula é do domínio sacerdotal. Com oração, prudência, com o "jeitinho" do Bemaventurado Pio X, o sacerdote vai aparecer. Esperemos. Bateu-se à porta dos Dominicanos: "Infelizmente, não é possível agora". Está se batendo de mansinho à porta de São Bento. Tem-se muita confiança que, na hora justa, na hora de Deus, a resposta virá. Qual será? (1).

1 de outubro. Já 35 alunas: 14 Religiosas e 21 leigas. Há estudo, entusiasmo e união fraterna.

5 de outubro. Nossa Mãe do Céu e o Bemdo. Pio X estão sempre na direção de comando. Um novo instrumento para facilitar o trabalho entra na Escola: Melle. Coutela oferece um mimeógrafo "Gestetner". Digamos todos por ela uma oração de agradecimento e bênção.

E as "montanhas" de que se falou de início ?

— Mas já se disse qual foi a sua sorte... foram **transpostas** ! por cima, por baixo, pela direita, pela esquerda...; mas sabem ? **são segredos do Rei**... Nossa Mãe do Céu "as conserva em seu coração" e já as vem devolvendo à sua moda. Tôdas as obras têm o seu quinhão de lutas... é só o que a Rainha nos permite dizer.

E agora, lá vem a piadinha fraternal...

Chega novembro. dezembro... meados de dezembro, os 12 Apóstolos fundadores vão ser reduzidos a 3 no Colégio apostólico de Canto Gregoriano. Nove receberam: ou bilhetes de mudança de Casa, ou de mudança de emprêgo, aumento de horário de serviço, e adeus!... "Iam tão bem! Que pena ! Mas não levaram ainda, só com três meses de estudo, cabedal suficiente"... Um apêlo fraternal : Revmas. Madres Provinciais, queiram dar um "jeitinho", sim ?

Quer dizer que — ficaram firmes para recomeçar em março : 3 Religiosas e 19 leigas, de 21 que eram... 2 voaram, sumiram... (só agora nas "Semanas Gregorianas" as vimos de novo. Por que não voltam? — **Nota da Redação).**

* * *

Funcionaram nos quatro meses — setembro, outubro, novembro e dezembro — aulas de: Canto Gregoriano, Liturgia, Latim e Solfejo.

---

(1) Já veio em 12 de março de 1958, bem o sabem os leitores: temos agora no leme do Instituto um **Sacerdote** que nos diz, como outro Cristo que é:
DUC IN ALTUM !
DEO GRATIAS.

Novidades e progressos em 1951

27 de janeiro — Começa a ser escrito o 1.º Livro de Canto Gregoriano, da Escola Pio X. Sairá um dia a lume? impresso? — Deus é quem sabe, que faz e quem manda. Enquanto se espera Suas Ordens, vai-se traduzindo, mimeografando os pontos organizados pelo "Instituto Gregoriano de Paris" para o 1.º Ano.

3 de março — Reabertura das aulas: só as 3 religiosas; mas firmes. decididas, capazes. Muita esperança nelas se deposita, para quando, depois do Curso feito, as Superioras as semearem, talvez.

5 de março — Novo Curso para leigos se abre com 3 alunas. Logo: 22 **leigas**, em 2 Cursos.

8 de março — Novo Curso para Religiosas: 9 alunas (Ciclo B). Serão também dispersados êstes 9 Coros de Anjos? — "Se Deus o permitir, não", disseram as Revmas. Madres Superioras. E' que elas querem e "põem, mas Deus dispõe". As contas se devem ajustar, portanto, é lá no Céu. — "Nossa Mãe do Céu e o Bemdo. Pio X, por favor, mais um "jeitinho"!... São: 3 do Asilo Isabel, 3 Carmelitas educadoras, 1 da Assunção. 1 Filha de Sant'Ana, 1 Dominicana. Permanecerão sempre os 9 coros de Anjos, na "assistência à Escola"? — No fim do ano veremos.

E a inauguração oficial da Escola sai ou não sai ?

Paciência! Roma não se fêz num dia! Estamos trabalhando, cada dia um pouquinho mais que na véspera. Sairá. Modestazinha, mas sairá, com a graça de Deus. A banda de música faz muito barulho, sabe? Assustaria S. Gregório e os Anjos Cantores.

21 de abril — Uma das alunas da Escola Pio X já vai se casar... Vejam só! Mais uma que voa! A Escola oferece-lhe u'a Missa de despedida. E faz um ensaiozinho para sair da toca em que a encerra ainda a falta de conhecimentos gregorianos... E canta, durante a Missa, tímida e ainda informemente, o "Kyrie" e o "Sanctus" da Missa IV. Dom Marcos, que faria três dias depois o casamento, rezou a Missa. E consolou um pouquinho a Escola — que ia perder uma aluna como a Lúcia Antunes, no início, pode-se dizer, de seus estudos, — quando aconselhou esta a embalar os filhinhos ao som do canto do "Kyrie". E tem de ser o "Kyrie IV", por enquanto... não se perdeu, pois, o tempo. Três meses valem ouro!

24 de abril — Inaugura-se um novo Curso de importância capital: o de impostação da voz. E' professôra D. Clarisse Stukart. Método de inegável pedagogia. Muita precisão, clareza e capacidade de transmissão, aliada a docilidade pouco comuns, integrando-se no espírito e nas necessidades de uma Escola de Canto Gregoriano.

Neste mesmo dia, casamento, durante a Missa, de Lúcia Antunes e Cláudio Braga, engenheiro em Volta Redonda.

7 de maio — Matriculam-se 3 alunas novas, firmes até hoje.

E o 1.º Livro de Canto Gregoriano já está pronto ?

— O Diretor da Editôra Nacional no Rio de Janeiro, fêz proposta para a impressão. Espera resposta de S. Paulo. Já se pediu licença à Editôra Desclée & Cia., em Tournai, Bélgica, para empregar-se os sinais rítmicos de Solesmes, e tirar-se determinados exemplos e excertos dos livros de suas edições. Chegou-nos resposta favorável a 2 de junho de 1951.

Já é hora de inaugurar a Escola ?

Está chegando. Há um mês estamos preparando a Missa de Pentecostes, o Comum da Missa IV e o Credo III, que deu muito trabalho para corrigir o ritmo. Fomos acolhidas com franca alegria pelo Revmo. Sr. Vigário da Matriz do Sagrado Coração de Jesus, Rua Benjamin Constant. Lá cantaremos a nossa primeira Missa, às 11 hs., dia 13 de maio. Coincidência: dia da **Primeira Aparição da Virgem do Rosário de Fátima.**

"Por que a nossa primeira Missa não será cantada no Leme"?

— Porque a estudamos pelo Rito Romano.

— Mas,. — telefona-nos a Madre Superiora das Dominicanas de Monteils, — neste dia é o Sr. Núncio Apostólico que vai oficiar a Sagração episcopal de D. Luís-Maria Palha, o.p., de Conceição do Araguaia. Venham cantar na Igreja de N.S. do Rosário dos Dominicanos do Leme.

— Somos poucas vozes, apenas 10. A cerimônia requer maior volume de vozes.

— Faltam 10 dias. Será que não poderia ensaiar, diàriamente, 6 Irmãs que lhe posso emprestar ?

— Está dito.

Pedimos desculpas ao Revmo. Pároco da Matriz do Sagrado Coração que muito bem compreendeu. E começamos os ensaios reiterados com as Irmãs Dominicanas do Curso de Santa Rosa.

E cantamos a nossa Primeira Missa, alternando-a com os PP. Dominicanos, no dia 13 de maio de 1951, às 9 horas. A impressão deixada pela cerimônia foi de paz, de alegria, de alargamento. — "C'est pas mal! c'est même bien" — diria Mr. Le Guennant.

O nosso Livro entra na Curia Metropolitana para a Censura e aprovação, no dia 7 de agôsto.

Após as férias de 15 dias, no mês de julho, matriculam-se 8 novas alunas. São 34 agora. Os estudos decorrem num ambiente de entusiasmo, de fervor e de união fraternal, durante êstes 3 meses.

E o Livro ?

Resposta alguma de S. Paulo. Quando chegar a hora de Deus, tudo se fará. Verão como é verdade.

Passamos todo o mês de outubro em preparação intensa da missa de "REQUIEM". Melle. Coutela preparou as alunas do Asilo Isabel e as da Escola Feminina de Artes e Ofícios, que alternaram, e muito bem, o Comum com a Escola iPo X. Esta imprimiu a seguinte fôlha explicativa que foi distribuída aos assistentes :

"MORITURI MORTUIS"

No dia 2 de novembro, às 10 horas, na Capela do Colégio de N. Sra. de Lourdes, Rua S. Clemente, 438, haverá Missa cantada de "Requiem".

Por alma de todos os Fiéis Defuntos, principalmente dos parentes das professôras e alunas da "Escola Pio X" (Curso de Canto Gregoriano) e dos parentes das pessoas presentes à mesma Missa, a referida Escola cantará a Missa de "Requiem".

O **Próprio** será cantado pela "Schola" e o **Comum** alternado com 120 vozes de alunas do "Asilo Isabel", da "Escola Feminina de Artes e Ofícios" e de alguns membros da QOC, tôdas alunas da "Escola Pio X".

A Rádio "VERA CRUZ" P.R.E.-2 (1430), prontificou-se a irradiar a MISSA. Foi locutor o Revmo. Frei Alberto Chambert o.p.

A Festa de Todos os Santos, festa do CRISTO glorificado em seus membros, engloba tudo que é criado: o futuro, o passado e o presente. Todos os eleitos, portanto, de todos os tempos, nela estão incluidos. Mesmo as Almas do Purgatório, assim como nós também ainda aqui na terra, estamos incluidos, visto como elevamos nosso louvor ao Cordeiro imolado. Todavia, no que diz respeito ao sofrimento, que as Almas do Purgatório são impotentes para achar alívio por si mesmas, a Igreja vem em seu auxílio. Aplicando-lhes, por seu

poder, os méritos de Cristo e dos Santos, diminui-lhes o rigor ou a duração de sua pena. Por isso, instituiu a **Comemoração dos Fiéis Defuntos**, logo no dia seguinte da de **Todos os Santos.**

Naturalmente, cada um de nós tem os seus entes caros mais presentes neste dia; mas o objeto da oração é tôda a Igreja Padecente, coletivamente.

O sentimento que domina o Ofício todo é o de uma oração que sobe até Deus, em paz absoluta. A Igreja não chora. Sabe que as Almas do Purgatório estão mais vivas que nunca, pois **estão fixadas em Deus**, pela **fé, esperança e caridade**, num estado de profunda alegria. Nenhuma delas quereria voltar à terra! Elas sofrem, é verdade. E com uma sensibilidade espiritual muito grande, avivada ainda pelo desejo intenso de possuir a Deus. Entretanto, consentem plenamente nesta purificação necessária. E sua alegria fica inabalável.

A Igreja sabe também que Cristo deseja, com todo seu poder, a libertação destas almas sofredoras. sôbre as quais Êle derramou seu Preciosíssimo Sangue. E sabe que Cristo operará esta libertação, logo que seja satisfeita a justiça divina.

E' desta certeza que decorre a **simplicidade**, a **serenidade** admiráveis do Ofício dos Defuntos. O cristão de hoje perdeu, infelizmente, o sentido verdadeiro da morte; por isso, não sabe mais compreender e gozar, ao ouvir as palavras de "REQUIEM" — repouso em Deus — nosso fim último para o qual fomos criados; de "LUX" — luz de caridade que as Almas do Purgatório receberão **em Deus**, em plena medida, no Céu. Lá, onde não ouvirão juízos desfavoráveis, mas só palavras de amor, de caridade perfeita.

A MELODIA da Missa de "Requiem"

O INTRÓITO: a melodia é tôda de paz, de oração simples, de fina delicadeza. Sobe, suplicante, suave, em **aeternam, dona eis, luceat eis.** Onde se pode sentir a tristeza ?

O KYRIE: A sua ondulação rítmica revela oração pacífica e pacificante, confiante, simples.

O GRADUAL: nada de triste, de deprimente. Mas só confiança, paz, confôrto espiritual. A subida de **dona**, a insistência sôbre**Domine** dão-lhe um tom de súplica mais ardente. A vocalização da última frase, em **eis** marca também uma insistência suplicante, que termina na paz. Também na palavra **aeterna** do Versículo, a vocalise da final dá uma certeza afirmativa ao pensamento.

A SEQÜÊNCIA : nela domina o trágico. Não pertencia ao Ofício dos Mortos, inicialmente. E' verdade. Faz tremer. Contrasta com a serenidade do **"Requiem"**. Não percamos, porém, a confiança, a paz, a serenidade. E' esplêndida oração assim mesmo. **Não se lhe deve**

dar um tom patético. Cantêmo-la, com convicção, pelas verdades que contém, sirva-nos elas de : "Alerta!". Mas, confiança, serenidade, verdade !

O OFERTÓRIO: melodia simples, bela, sóbria, íntima. São qualidades de oração verdadeira **da alma que está à vontade com Deus.** Não contém tristeza, mas simpatia pelos que sofrem. Belas súplicas encontram-se em **Rex glóriae — leónis — obscúrum — sed signifer — sémini éjus** — No Versículo, note-se como se sublinha a súplica em **hóstias — préces — tu súscipe — quarum hódie — transire ad vitam.**

O SANCTUS: tudo quanto há de mais simples e delicado. Nada de triste, mas um não sei quê de **leve, de luminoso.** E' louvor ao Deus vivo, que as Almas do Purgatório também cantam conosco.

O AGNUS DEI : oração, como o SANCTUS, simples, e que sobe ao Cordeiro de Deus com acentos de confiança pacífica e luminosa.

A COMUNHÃO: **Luz aetérna** é o tema de tôda a Missa. Melodia simples, clara, alerta, afirmando no fim, com um discreto **rallentando** e com muita ternura o QUIA PIUS ES.

Desta data até fins de dezembro, entrou a Escola de novo no silêncio do estudo. Os exames da Escola se processarão após as férias grandes, em março, encetando-se logo a seguir o novo ano letivo.

Vicissitudes por que passa a impressão do nosso Livro...

Vicissitudes? — Humanamente falando, sim. Mas sem capacidade para preocupar uma Escola tão visìvelmente guiada por Nossa Mãe do Céu e por Pio X.

25 de janeiro — Da Editôra Nacional comunicaram ser impossível editar o livro, pois ficaria muito cara a impressão: "média de Cr$.... 200,00 o exemplar", (1) disseram-nos.—Assim não!... Dois dias depois começou-se a passar o trabalho no mimeógrafo, enquanto se tentava obter impressão no estrangeiro. Foram assim mimeografadas umas 50 páginas, com desenhos.

Dia 25 de janeiro ainda, foi expedida a seguinte Circular a todos os Conventos masculinos e femininos e a todos os Colégios da Capital, e aos Coros das Igrejas :

Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1952.

Exmo. Sr. Diretor,

Saudações.

Com a bênção paternal de nosso querido Pai e Pastor. Sua Emcia. o Sr. Cardeal Arcebispo D. Jaime de Barros Câmara, a "Escola Pio X",

---

(1) Preço de entrega da Editora...

que se vem dedicando ao ensino do Canto Gregoriano, solicita a adesão de V.S. para as suas realizações no corrente ano de 1952.

Não ignora V.S. os progressos que o Canto Gregoriano conquista em todo o mundo, mòrmente na Europa e nos Estados Unidos da América, assumindo proporções de apostolado grandioso para a glória de Deus e santificação das almas.

A "Escola PIO X" pois, acreditando sinceramente, que idênticos progressos se possam efetuar no Brasil, lança neste ano dois empreendimentos sob o patrocínio da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra.

1 — Preparar, com os alunos dos colégios católicos, o Ordinarium da Missa IX (Cum júbilo) e o Credo IV, respectivamente às pags. 40 e 71 do "Liber usualis" ou do "Paroissien Romain", a fim de, congregados em autêntica comunidade, erguerem suas vozes de Louvor, numa grande demonstração de piedade e arte em honra de Nossa Senhora da Glória. Para tanto, a "Escola PIO X", que se responsabiliza de percorrer as diferentes Instituições, logo que os alunos conheçam as melodias acima, solicita da bondade de V.S. que lhe comunique, além da gentil adesão, o número de alunos que se farão representar.

2 — Inaugurar dois novos cursos: a começar do dia 1.º de março, na zona Norte da cidade, funcionará um curso de Canto Gregoriano, à Rua Mariz e Barros, 612, no Asilo Isabel, cujas inscrições são aguardadas até o próximo 10 de fevereiro. Na zona Sul, na sede própria da "Escola PIO X", das 18.00 às 19,30, será instaurado um curso noturno para as pessoas que se encontrem impossibilitadas de freqüentar os outros cursos.

Contando com o simpático concurso de V.S., subscrevo-me

Ir. Marie-Rose Porto O.P.

"ESCOLA DIO X", Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio

CENTRO SOCIAL FEMININO

Reabriram-se as aulas em 1.º de mraço, com mais 10 alunas novas, sendo 5 Religiosas: 2 do Convento de N. Sra. de Lourdes e 3 Franciscanas Missionárias de Maria.

Enceta-se o estudo para as novas e preparam-se as antigas para o exame.

16 de abril — Exame final de 1.º Ano para 5 Religiosas e 2 leigas. Mons. Motta presidiu ao exame, mostrando-se satisfeito. Foram tôdas promovidas ao 2.º Ano.

HORA DE DEUS

19 de abril — Duas das alunas da Escola Pio X pertencem a uma família de Editôres. Chegam um dia à Escola com a proposta de que na "Editôra Carioca", Praca das Nações, n. 583-A — Tel.: 30-7896, Bonsucesso, Distrito Federal, o nosso Livro receberia acolhida. Levam os originais para um estudo. Dia 19 de abril, o Sr. José Pinto nos vem trazer a proposta providencial, afirmando generosamente que a "Editôra Carioca" fazia questão de editar o Livro da Escola Pio X, fazendo-lhe presente (antes, caridade!) da porcentagem que lhes cabia, aos editôres. E, como não dispomos de capital, o pagamento se faria à medida que se fôssem vendendo os livros. A quem atribuir a inspiração de idéia tão generosa? e por que?

A Escola Pio X pede insistentemente a quantos adquirirem o Livro, o favor de rezarem com fervor por êstes nossos benfeitores.

Assim é que o nosso Livro poderá sair a lume.

O 2.º Livro já está sendo elaborado e bastante adiantado. Mas sua impressão depende do escoamento da edição do 1.º Livro.

(continuará...)

★ ★ ★

POSSE DO NOSSO DIRETOR

Dia 29 de maio, às 8 30 cantamos a Missa do Espírito-Santo, no Colégio de Sion. Alternaram com a "Schola Cantorum" do Instituto Pio X, alunas de diversos Colégios, num total de 200. Cantou a Missa o nosso mui prezado DIRETOR, eleito unânimemente aos 12 de março último.

Após a Missa, foi entoado o **Magnificat** por todos os presentes. Havia júbilo!... Quem o não sentiu! — DEO GRATIAS! Temos uma direção sacerdotal.

Terminada a Missa, dirigimo-nos todos ao salão de festas do Colégio Sion, que mais uma vez deu acolhida **fraternal**, muito amiga, ao nosso Instituto. Irmã M. Helena O. P. dirigiu algumas palavras. Eis o que disse:

"Eu quero que o meu povo reze com beleza", disse PIO X, e esta palavra tem sido uma semente de vida.

Já lá se vão 10 anos que caiu em terra boa, na alma de nossa Irmã nos bancos do Instituto Gregoriano de Paris. Depois que brotou, pronto, nossa Irmã estava perdida, pois é certo que uma idéia quando penetra, dilata nossa dimensão interior, e em seguida não se pode mais encolher, há o perigo de a alma criar rugas...

"Doravante, em tôrno desta idéia, que se tornou decisão correram todos os estudos, tôdas as preocupações, tôda a atenção. Verdadeiro polo para o qual se concentravam todos os esforços. Instituto PIO X... ponto de mira... no Brasil.

Antes de regressar ao Brasil entregou todo aquêle centro de trabalhos e preocupações a Nossa Mãe do Céu, num dia inteiro passado junto da Virgem do Rosário de Fátima.

Dia 20 de julho de 1950, primeiro encontro em terra brasileira com Mlle. Jeanne Coutela, também formada anteriormente pelo I.G. de Paris. Via-se a mão da Providência a tudo conduzir."

"Entretanto, a criação do Instituto PIO X não se teria feito e tão ràpidamente, se suas fundadoras não tivessem sido beneficiadas pelo estímulo e pelo apoio de S. Eminência, o Cardeal Câmara, de Mons. Motta e de nossa Superiora Geral.

Colocou-se, desde o seu início, sob a autoridade da hierarquia, como convém a uma obra que é essencialmente da Igreja.

Empenhou-se por êste fato mesmo no serviço da Igreja, e é esta disposição fundamental que lhe traz a mais segura garantia de seus progressos.

A semente frutificou. O Instituto PIO X guarda o conselho de M. Le Guennant: "o tempo da sementeira não é o da colheita". Trabalhem com tôda a paciência, juntando o esfôrço de cada dia ao da véspera e entregando-se totalmente ao Senhor que se encarregará de tudo fecundar..."

E os mistérios gozosos vêm combinando aos dolorosos num rítmo perfeito de uma canção de peregrinos em demanda da Pátria.

Atravessamos agora um mistério de gôzo: a nomeação de D. João para Diretor do Instituto. Seremos moderadas em nossas manifestações jubilosas, por respeito ao seu desejo: "Prefiro começar na "surdina" em estrito pianíssimo, é a única maneira de poder "crescer".

Tem razão, está de acôrdo com o espírito do Instituto, mais do que acôrdo: acórde, pois é uma fusão de ideal e sentimento.

Em nome de minhas Madres e de Ir. Marie-Rose, agradeço a inestimável colaboração, a qual certamente contará com as bênçãos de Deus e será feliz, pois se o segrêdo do êxito consiste em colocar a pessoa certa, no lugar certo e depois bater palmas, fácil será satisfazer o 3.º requisito para a execução do qual conclamo os presentes.

D. João Evangelista Enout tomou então a palavra. Disse o que dêle esperavamos: sinceridade, dedicação, simplicidade, firmando ainda mais a competência que já lhe conhecemos.

* * *

As linhas que se seguem resumem e completam o que foi dito por D. João Evangelista Enout O.S.B. na sessão de 29 de maio de 1958.

Pentecostes, a vinda do Espírito Santo sôbre os Apóstolos foi precedida e seguida da oração comunitária da Igreja nascente. A descida maravilhosa da terceira Pessoa da Santíssima Trindade encontrou uma comunidade em oração: "Hi omnes erant perseverantes unanimiter in oratione cum mulieribus et Maria Matre Jesus et fratribus eius" (Atos 1,14).

A subida de Jesus aos céus não diminuiu, mas até fortaleceu, pelo sofrimento comum da orfandade, a união de almas dos apóstolos que se refugiavam na oração, juntos com a mãe de Jesus, Maria, e com seus parentes. Depois da vinda do Espírito Santo, diz o livro dos Atos dos Apóstolos, referindo-se aos muitos que se converteram com a fôrça de Pentecostes: "Erant autem perseverantes in doctrina apostolorum et communicatione fractionis panis et orationibus" (2,42). Havia qualquer coisa que inflamava em um só Espírito êstes que

vendiam seus próprios bens para pô-los em comum: perseveravam na doutrina dos Apóstolos que era a **Verdade** ensinada por Jesus; perseveravam na comunhão daquêle Pão transubstanciado em Corpo vivo do Cristo, viviam do Pão da Vida, da **Vida** que Jesus lhes deixara na véspera de sua morte; perseveravam na Oração, no **caminho,** que Jesus lhes ensinara para estarem sempre com suas almas, com suas inteligências ligadas ao Céu, perdidas em Deus. Continuam os Atos a descrever esta vida dos primeiros cristãos, dizendo que se alimentavam dêste alimento, desta vida divina "cum exultatione et simplicitate cordis, collaudantes Deus et habentes gratiam ad omnem plebem. Dominus autem augebat qui salvi fierent quotidie in idipsum" (2,46s). Viviam numa plenitude de alegria e simplicidade de coração, juntos louvando a Deus, numa vida de oração em comunidade, o que lhes atraía a simpatia e as boas graças de todo o povo, pois o mundo mergulhado em seu ceticismo de maldades, sofrimentos e desencantos se deixa arrastar, se refugia ao lado de quem tenha ainda a alma simples, banhada da alegria do Espírito, repleta do gôzo de louvar, de cantar em honra d'Aquêle que tudo fêz e que nos chamou à herança de seu Reino Eterno. Como não louvar, como não transbordar de alegria, a exemplo daquêles cristãos contemporâneos de Pentecostes, que assim abriam caminho para que o Senhor aumentasse dia a dia o número dos que vinham viver esta vida do Espírito em comunidade?

Era, como se vê, o apostolado do espírito de infância convertendo um mundo saturado pelo espírito de velhice.

Quem canta a Deus, com alegria, com a alma em festa e com simplicidade de coração não pode deixar de dar uma lição ao mundo, de dar um testemunho de bondade e de esperança, de tudo que um homem de boa vontade procura sem saber ao certo onde encontrar.

A oração de louvor foi assim uma das primeiras ações e manifestações da Igreja que recebeu o Espírito em Pentecostes.

Mas a Igreja continua a festejar Pentecostes, a receber o Espírito que se difunde no coração dos fiéis, dando-lhes uma nova vida, um novo entusiasmo, uma nova fôrça espiritual. A Igreja continua a viver, num quadro bem diverso, mas não menos real e vigoroso o ambiente de Pentecostes. Ela nos chama àquêle mesmo espírito de generosidade, no deixar tudo, no subordinar tudo aos valores que nos unem a Deus. Ela nos chama à mesma unanimidade de espírito, à mesma fraternidade. Elas nos chama ao mesmo alimento comum, que faz de todos os cristãos uma só alma no Cristo. Ela nos convida à oração, a levantar a alma a Deus, à oração de louvor. Ela nos chama à alegria sincera, pura e simples do Espírito em meio a um mundo cansado, num ambiente de cristãos tépidos que se esqueceram que há uma alegria e uma liberdade únicas em ser filhos de Deus. O canto da Igreja deveria chamar os fiéis à casa Paterna; a uma reconciliação, a um reencontro com um sentido novo da vida, pelo Espírito de Infância. E' isso o que se propõe nosso pequeno Instituto que tem a enorme proteção de uma grande Santo: o Papa Pio X que marcou no limiar de nosso século um novo Pentecostes de restauração de tudo no vigor daquêle mesmo Espírito que descera sôbre a Virgem e sôbre os Apóstolos, como nos é narrado pelos Atos. O Instituto Pio X, segundo o mandamento dos Papas e dos Pastores, quer ensinar a cantar o canto da Igreja. Quer ensinar a louvar bem ao Senhor. Quer viver pura e sóbria alegria cristã na beleza

e decôro da casa de Deus. Essa missão não é fácil. Nós bem o sabemos. Mas quem no-la deu foi a Igreja e ela sabe o que faz.

Não procuramos sucessos, como os entenderia uma organização puramente mundana. Quem pode avaliar em têrmos de Eternidade, o preço de uma só missa, bem cantada, em que as almas foram dóceis e transparentes ao Espírito que louva ao Senhor?

A tarefa não é fácil. Mas não estamos sós em atender ao apêlo da Igreja, nem somos os primeiros. Temos aquêles que desbravaram o terreno, que caminham seguros diante de nós, mostrando-nos a estrada a seguir e incentivando-nos a caminhar.

A recente viagem que me foi dado fazer à Europa proporcionou-me a ocasião de ver o trabalho profícuo que vem sendo feito, em silêncio, em diversos centros que se dedicam ao canto gregoriano. Para citar apenas e ràpidamente alguns. Em Roma, o Pontifício Instituto de Música Sacra que conta, para o Gregoriano com dois mestres que tive a fortuna de freqüentar longamente anos atrás: P. Eugênio Cardine e Rafael Baratta, ambos monges beneditinos, êste do Mosteiro de Montevergine e aquêle do de Solesmes, vêm desenvolvendo um proveitoso e profundo ensino do canto gregoriano tanto para clérigos como para leigos, notando-se sempre um progresso maior nos resultados obtidos. Em Veneza, na cidade que tem S. Pio X como Bispo, como Patriarca, nasce um novo centro de atividades gregorianas, no velho mosteiro da Ilha de S. Jorge, hoje restaurado como semente de vida monástica, com a pequena comunidade beneditina que ali procura implantar-se. Há uma grande preocupação de perfeição na realização do canto por parte dessa fervorosa comunidade que acaba de promover em colaboração com o "Centro di cultura e civiltá" um ciclo de conferências litúrgico-musicais que bem atestam do interêsse pelo Canto da Igreja. Há no programa nomes como os de Mons. Romita, D. Gajard; seis conferências sôbre questões estilísticas e práticas do gregoriano; M. Le Guennant: Três conferências sôbre perfeição rítmica e alto valor expressivo do canto gregoriano; prof. Carraz e outros.

Em Paris, o "Instituto Grégorien", a que está ligado por laços tão profundos de filiação o nosso Instituto Pio X, continua o seu trabalho vitorioso de formação gregoriana, todo êle fundamentado num espírito sobrenatural muito grande. Realmente, quando se conversa e se toma contato com o trabalho de seus professores e especialmente com o seu diretor, o admirável M. Le Guennant que dedica ao nosso país e ao nosso Instituto um carinho tão especial, realmente é difícil saber como conseguem equilibrar em tão alto grau a preocupação religiosa, profundamente sobrenatural e eclesiástica e a preocupação de formação técnica encarada com enorme seriedade e enfrentada com um ardor de trabalho digno de admiração e profundo respeito. E foi nessa dupla linha que se dirigiu a palavra de incentivo que me confiou M. Le Guennant e que tenho a honra de transmitir a todo o Instituto: um grande e profundo espírito sobrenatural, a convicção muito arraigada de que estamos fazendo um trabalho que não é nosso, mas que é da Igreja, que nos foi confiado por ela.

Saibamos, pois, estar com os olhos voltados para ela que, por meio de seus santos e antes de tudo da Santa Virgem Maria, nos sustentará em tôdas as situações. Em segundo lugar: rigor técnico, e severidade no trabalho pròpriamente musical. Sem isso, nós não

servimos devidamente à causa do Canto da Igreja. E' inútil supor que um entusiasmo espontâneo pode suprir o que deveria ter sido aprendido nas longas horas de trabalho técnico. Que o entusiasmo e o ardor sirvam para nos encorajar ao trabalho consciencioso, não para tentar substituí-lo. Especialmente para nós brasileiros, bem dotados, rápidos em progressos nos primeiros passos, o Diretor do "Institut Grégorien" recomenda êste segundo ponto, pois somos sempre inclinados a julgar que tudo é fácil e não é necessário o trabalho técnico, sistemático e persistente.

M. Le Guennant falando sôbre nossa maneira de ser e sôbre suas recordações do que viu entre nós, se comove diante da delicadeza e da sensibilidade de nosso povo: "Basta dizer, conta êle, que êsses brasileiros não se conformam nunca em dizer **adeus** a alguém, mesmo que êste parta para longínquas terras, parta para não mais voltar, dizem sempre "até logo", como que sempre nutrindo a esperança de rever o amigo. "Êste, o grande amigo que temos em Paris, a quem dedicamos um grande reconhecimento por todo o interêsse que tem para com o nosso trabalho e que nos dá um grande exemplo, indicando-nos pràticamente o caminho a seguir.

Solesmes é, por fim o lugar abençoado, escolhido por Deus para fazer renascer e viver o canto de louvor de sua espôsa, a Igreja.

O trabalho de restauração dos textos e o da criação de uma escola de interpretação gregoriana foi e continuará a ser — pois é um trabalho quase sem fim — a realização árdua, mas cheia de êxitos que êste Mosteiro presta à Igreja de nosso tempo. As recentes publicações das **Fontes** do Gradual, de mais um volume dos "Estudos Gregorianos" e a publicação periódica e pontual da excelente "Revue Grégorienne" mostram que essas duas linhas de trabalho: restituição de textos e interpretação continuam a ser cultivadas com afinco. A grande lição de Solesmes para quem tem a ventura de lá passar algum tempo é antes de tudo uma lição viva de espiritualidade. Ali está uma prova viva, uma apologia vívida do valor do canto como meio de contemplação, como oração no decôro, na dignidade e na expressão mais alta de beleza e de arte. Uma hora canônica ali — e que dizer de tôda uma Semana Santa? — é uma realização dessa oração pública e solene da Igreja, infelizmente tão ignorada e em desprestígio desde alguns séculos, vivida num estílo em que beleza, equilíbrio, espírito, simplicidade, oração e louvor se fundem num só todo.

Participar dessa vida de oração ou apenas saber que existe isso no mundo é um grande confôrto para os fiéis e para os monges que são depositários dessa missão na Igreja. O Canto Gregoriano tem isso de comum ou de coerente com a vocação monástica: não aceita outro preço senão o da perfeição, sèriamente procurada. Não faltam leigos que se entregam com generosidade a êsse ideal, êle pertence porém, por definição à vida religiosa, à vida monástica.

O Canto Gregoriano é cioso dêsse seu alto preço. Não se curva por menos. Por isso o problema da procura da perfeição continua a ser a chave da realização do canto em uma comunidade. E o que é mais difícil: a procura de perfeição tem que se encarnar, tem que descer à natureza concreta da obra a fazer, tem que impulsionar a tomada de contato e a persistência no trabalho técnico exigido pela obra em questão: no caso, o Canto Gregoriano.

Vem pois, a propósito citar um trecho de uma carta prefácio de D. Gajard, diretor de côro de Solesmes há dezenas de anos, cheio de experiência e de amadurecimento em seu "métier", a um jovem monge D. Ernetti, do Mosteiro de S. Jorge, em Veneza, a que acima nos referimos, que se propõe publicar uma longa e exaustiva obra de Gregoriano. Diz D. Gajard nêsse seu prefácio: "Em seu livro de ensino estão apresentadas com todos os pormenores e desenvolvimento as regras teóricas e práticas que presidem a uma execução **perfeita** das melodias sagradas.

E' isso precisamente o que se impõe antes de tudo: colocar seus alunos em estado de interpretar estas melodias, não apenas com correção, mas com arte; não mecânicamente, mas inteligentemente, por um conhecimento da técnica racionalmente absorvido; elas não podem atingir sua beleza, seu sentido profundo, seu valor religioso ou simplesmente expressivo, senão a êste preço. Se ainda hoje, cinqüenta anos depois "Motu Proprio" elas ainda não encontraram, junto aos músicos e fiéis tôda a adesão que merecem, é que muito freqüentemente, mesmo nos melhores coros, contenta-se de um vago "à peu près", reservando-se à música polifônica a melhor parte do tempo de preparação. Ora, monódicas, as melodias gregorianas só valem pela perfeição de sua linha; se esta é negligenciada, elas não são mais que uma seqüência de notas mais ou menos informes, sem vida nem interêsse.

Não é bastante também, como se diz muitas vêzes, de fazê-lo "com tôda a alma" (d'y mettre son âme"); é necessário, sem dúvida, mas com a condição de existir na base, com o respeito à forma artística na qual as ditas melodias foram concebidas, uma técnica sólida, tanto vocal como musical. A técnica é indispensável, a importância que se lhe der nunca será excessiva. Os chefes de côro, deverão estar sempre vigilantes e exigir de seus cantores o cumprimento mais perfeito possível; mas, sobretudo, é essa técnica que é preciso ensinar minuciosamente aos alunos dos Seminários e dos Institutos Religiosos; é nela que precisam se exercer sempre, de modo a possuí-la em seus mínimos detalhes, único meio para êles de mais tarde dirigir com competência seus coros paroquiais e a participação dos fiéis no canto da Igreja". Eis aí uma palavra de suma autoridade que resume a experiência de mais de 50 anos de trabalho e estudo do Canto Gregoriano. E', como se vê, de novo, a dupla linha a que nos referíamos acima: o aspecto sobrenatural e religioso que informa, mas também pressupõe insubstituível o aspecto técnico, de estudo e formação gregoriana.

Vemos pois, a par das grandes dificuldades da tarefa do Instituto Pio X, que não lhe falta uma orientação bastante precisa e segura. Resta o trabalho silencioso, sério e persistente do dia após dia, com ou sem sucessos muito aparentes.

Teremos, sem dúvida, a coragem necessária para a realização dêsse trabalho, pois todo o auxílio que nos é necessário esperámo--lo de uma fonte inexaurível de dons e de bênçãos. Não estamos trabalhando por um ideal ou capricho pessoal, mas fazendo o que Deus quer, fazendo a vontade da Igreja, algo que a ela pertence. Estamos obedecendo à palavra dos Papas e dos nossos Bispos, muito especialmente, obedecemos às diretivas fundamentais de nosso Arcebispo, o Eminentíssimo Sr. Cardeal D. Jaime de Barros Câmara a quem o Instituto Pio X tanto deve pelo apoio irrestrito e encorajador, pelas efusivas bênçãos paternais que do mesmo tem recebido.

O que vos posso prometer nêste momento é que nosso Instituto, apesar de pequeno vai trabalhar muito, com muito espírito religioso, com espírito de oração, com seriedade. Vai continuar a ser o que foi até agora.

Eu posso prometer isso com tôda a confiança e segurança porque a alma do Instituto continuará a ser Irmã Marie-Rose Porto. Assim o Instituto permanecerá integralmente de Pio X, da Santa Igreja; existirá só para Deus. E' o que todos desejamos.

Terminou a **fase de preparação**, agora se abre para o Instituto a **fase de novo progresso.** Seja Deus sempre louvado! (A Redação).

12.ª SEMANA DE ESTUDOS DE CANTO GREGORIANO

Realizar-se-á êste ano no Colégio São Bento, Rio de Janeiro, de **16 a 27 de julho.**

O horário será enviado a cada pessoa que se matricular. **Inscrição:** Cr$ 500,00 — **Informações** no Instituto PIO X do Rio de Janeiro, Rua Real Grandeza 108 — Botafogo.

Professôres: D. João Evangelista Enout O.S.B.—Interpretação musical gregoriana e Ensaios;

Irmã Marie-Rose Porto O.P. — Canto Gregoriano;

D. Clarisse Rosembaun — Impostação da voz;

D. Laura Meirelles — Canto Gregoriano (1.º ano) e dicção.

Cada semanista deverá prover à própria hospedagem; para o almôço e a merenda aconselhamos que cada semanista providencie um local mais perto do Mosteiro de S. Bento.

2.ª EDIÇÃO DO LIVRO DE CANTO GREGORIANO

A "Editôra Carioca" prometeu dá-lo pronto para êste mês de junho. Podem fazer seus pedidos para a Livraria AGIR Editôra, Rua México, 98-B — Caixa Postal 3291 — Rio.

Só nos restam 30 coleções completas da REVISTA GREGORIANA (1954-1955-1956-1957). Cr$ 500,00 cada coleção (de 4 anos), porte compreendido.

O livro do **Apocalipse** termina expressivamente pelo grito da esperança, o chamado pela vinda do Senhor: E o Espírito e a Espôsa dizem: Vinde! Quem ouvir diga também: Vinde! Quem tem sêde, venha! Quem O deseje tome da água da vida gratuitamente!!... Amém! Vinde Senhor Jesus!" (22.17,20).

PALAVRAS DO DIRETOR:

"Estou aqui (em Solesmes) revendo tantos bons amigos, falando das coisas que nos interessam, mas, sobretudo vivendo estas longas horas de Ofício Divino e Missas Solenes, realizados com todo aquêle **"studium perfectionis"** que nenhum amor — enorme que fôsse — mas puramente humano poderia explicar, mas só a visão sobrenatural do Belo permite compreender e realizar. Realizar como uma parcela do **"Estote perfecti"**, convite que tantas vêzes respondemos com tão pouca convicção, como se não acreditássemos muito no que ouvimos ou no que isso realmente significa para nós, os convidados.

"... as duas horas de Ofício da manhã correram como um verdadeiro encontro da Igreja com Deus, na oração, no falar, no comunicar-se com Deus em plena serenidade e em tranqüila beleza. Acho que isso é contemplação.

(Trech de cartas)

A vida eterna já começou, pois a graça é, em nós, o germen da glória.

São nossos atos bons que habilitam pouco a pouco nosso sêr todo inteiro à posse beatificante, construindo, desde aqui nesta vida terrestre presente o nosso ser de glória.

Faze bem o que fazes; trabalha fielmente na minha vinha; Eu serei a tua recompensa.

Virá a paz em dia que o Senhor sabe; e já não haverá dias e noites como na terra, mas luz perpétua, claridade infinita, paz inalterável e seguro repouso.

Pela vida eterna não se deve, porventura, tolerar todos os trabalhos ?

Para S. João, manifestamente, a **vida da eternidade** está começada, entramos com o Cristo no "século futuro".

CURSO NACIONAL DE MÚSICA SACRA

SOB OS AUSPICIOS DO DEPARTAMENTO
— DE —
DOCUMENTAÇÃO E CULTURA

AVENIDA GUARARAPES, 131 - 9.º ANDAR — RECIFE - PERNAMBUCO

De 1.º a 20 de Julho

INSCRIÇÕES :
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA
E RUA ANGUSTURA, 266
ESPINHEIRO - RECIFE, PERNAMBUCO

INFORMAÇÕES
RUA GUIMARÃES PEIXOTO, 449
CASA AMARELA — RECIFE, PERNAMBUCO

SEMANA SANTA

DISCO Long-play

(RCA VICTOR)

Côro do

Instituto Pio X

Regente: D. João Evangelista Enout, O. S. B.

Cr$ 300,00, mais o porte.

Pedidos à Confederação Católica Arquidiocesana
Rua S. José, 90 — 21.º andar — Distrito Federal
Livraria Lumen Chrtsti — Caixa Postal, 2666 — Distrito Federal

EDIÇÕES

do

"INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO"

sob o título

COLEÇÃO PIO X

I — **Missa IX**, explicações técnicas — por **Ir. M. Rose Porto, o. p.** — 12 págs. 10,00

II — **Princípios rítmicos da Escola de Solesmes** — por **Dom Mocquereau, m.b.** — (trad. de Ir. M. Rose, o. p.) — 25 págs. 15,00

III — **Aulas de Música gregoriana** — por **A. Le Guennant**, Diretor do Instituto Gregoriano de Paris (trad. e adaptação por Ir. M. Rose, o. p.) — 58 págs. 20,00

IV — **"Cantarei com o espírito, cantarei com a inteligência"** — por **Dom Estevão Bettencourt, O.S.B.** — 205 págs. 60,00

V — **Canto Gregoriano** — 1.º livro, teórico e prático — por **Irmã M. Rose Porto, o. p.** (2.ª edição) — 240 págs. 150,00

VI — **Revista Gregoriana** — Órgão do "Instituto Pio X do R. de Janeiro" — Assinatura: 100,00 (6 n.ºs de 60 págs. cada) — avulso, 20,00.

VII — **Sagrada Escritura, manual de oração** — por **D. Estevão Bettencourt, O.S.B** — A unidade: 2,00 — O cento 140,00

VIII — **Sagrada Escritura no Rosário**, por **D. Estevão Bettencourt, O.S.B.** — A unidade: 1,50 — O cento 100,00

RUA REAL GRANDEZA, 108-Botafogo

"INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO"

TEL.: 26-1822

E NAS BOAS LIVRARIAS (cf. pag. precedente)

Refrigeradores

Climax

para o conforto do lar!

Acima: compressor P-91, fabricado por licença da Tecumseh Products do Brasil. Com a refrigeração Climax, é mais econômico, mais forte e mais confortável.

O mais poderoso quanto à economia, conforto e eficiência.

Informações e pedidos à IND. FERREIRA LOPES S.A.
R. Cardoso, 50 - S. Paulo

Climax Ca Sol

J. FERREIRA E A

COMPRESSOR P-91

For use in Library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9213